

## **Os jardins de Friburgo em Recife/PE, Brasil, seu traçado e significado: as experimentações de uma corte europeia nos trópicos no século xvii**

*The Park of Friburgo in Recife, Brazil: plan and meaning of a european court in a tropical setting in the 17th centuryVII*

### **Autor**

Sandra Augusta Leão Barros<sup>1</sup>

### **Filiación**

Doutoranda (FAU.USP) em Estruturas Ambientais Urbanas.

### **Resumo**

O Palácio de Friburgo e seu jardim foi desde sempre uma experiência única na história da América portuguesa – o traslado de uma corte inteira europeia para os trópicos no século XVII, estabelecendo-se ali durante vários anos, implantando um plano urbanístico que incluía entre outros elementos, dois palácios reais – Friburgo e Boa Vista, sendo o primeiro emoldurado por um belo jardim <sup>2</sup>.

Feito muito comentado e conhecido, mas pouco estudado com profundidade e amadurecimento, e de escassa bibliografia gráfica (com imagens) a respeito. Aproveito a oportunidade de um trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Reabilitação de Jardins Históricos<sup>3</sup> para reabrir mais uma vez a discussão sobre o Jardim de Friburgo e trazer exemplos de jardins de palácios e castelos europeus desta época, que tivessem semelhanças com este jardim, ou que pudessem ter servido de inspiração, no todo ou em alguns de seus elementos. Jardim cujo traçado e espécies trazia, por um lado, um vocabulário reconhecido e utilizado na época – a transposição e adaptação de modelos de jardins reais para os trópicos; e por outro lado, misturava ingredientes do exótico, do fantasioso e pouco conhecido até então Novo Mundo.

### **Palavras-chave**

Jardim de Friburgo, Recife/PE, Brasil, jardim do Renascimento, corte holandesa

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista (UFPE, Brasil, 1996), Mestrado (FAU.USP, Brasil, 2002) em Estruturas Ambientais Urbanas. Especialização em Reabilitação de Jardins e Parques Históricos: paisagens culturais (UPM/ETSAM, 2009). E-mail: [sandleao@gmail.com](mailto:sandleao@gmail.com) (<http://lattes.cnpq.br/2012700467294002>). Doutoranda (FAU.USP) em Estruturas Ambientais Urbanas.

<sup>2</sup> Embora em Barléu seja citado que o Palácio da Boa Vista também fosse contemplado com jardim, não foi encontrada nenhuma imagem a respeito. Em planta baixa, está assinalado na planta utilizada pelo pesquisador J. A. G. Mello (MELLO, 2001, s/p), na bibliografia citado ao fim do artigo. “... *fica-lhe sobranceiro o palácio da Boa Vista, muito aprazível alegrado também por jardins e piscinas*”. In: BARLÉU, 1974, 158.

<sup>3</sup> Este artigo apresenta uma versão resumida da monografia de conclusão do curso de Especialização em Reabilitação de Jardins e Parques Históricos: paisagens culturais, realizado na Universidad Politécnica de Madrid (UPM/ ETSAM) no ano de 2009, Bolsista MAE-AECID (Agencia Espanhola de Cooperación Internacional para o Desenvolvimento, Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha).

## Abstract

The Park of Friburgo and its garden is a very special experience in the american history, a translation of an European court (from Netherlands) to the tropics in the 17th century, standing there for many years, implanting an urbanistic plan, including two palaces –Friburgo and Boa Vista- among other urban elements. The well known garden, hasn't been studied in depth, and no graphic bibliography is available. This paper shows the conclusions from a specialization course in Restoration of Historical Gardens. This study brings study cases of european royal gardens of colonial time, which could had been inspiration to the project.

## Keywords

Friburgo´s Garden, Recife/PE, Brasil, Renaissance garden, Netherland´s Court

## Conteúdo

1. Introdução
2. O jardim de friburgo no novo mundo, seu contexto e circunstâncias
- 2.1 A invasão e domínio holandês na America portuguesa – a Companhia das Índias Ocidentais e seu ilustre funcionário, o Conde Mauricio de Nassau Siegen
- 2.2 O plano holandês para uma nova cidade: a ‘Mauristadt’- palácios, portas, pontes, fortes, fossos, residências, plaza de armas
- 2.3 O Palácio de Friburgo e seus jardins: ‘Horto Zoobotânico’ - a escolha do sitio, seu traçado
- 2.4 O jardim de Friburgo em relação aos jardins da época do Renascimento: elementos componentes, traçados, tratados paisagísticos
- 2.5 O Jardim de Friburgo: elementos componentes, espécies – jardim e palácio, uma unidade
- 2.6 O jardim de Nassau em Haya, Holanda, em 1622
- 2.7 Outros exemplos de jardins na franja do Barroco
- 3 PRAÇA DA REPÚBLICA – suas etapas
- 4 considerações finais
- 5 Referencias bibliográficas

## 1. Introdução

*“ La construcción de un jardín siempre encubre (o plasma) la nostalgia del paraíso. La palabra ‘paraíso’ proviene de la tradición hebraica y caldea, y originalmente significaba lugar plantado de arboles, huerto. No olvidemos que en la Antigüedad, junto a los grandes bosques, hoy desaparecidos y en aquel entonces sentidos más como enemigos del hombre y recinto de bestias feroces, se extendían vastos páramos desérticos. En los oasis, en los lugares irrigados por abundantes aguas, los poderosos de la tierra siempre buscaban crear un sitio cercado donde la naturaleza pareciese hecha a la medida del hombre, y dulce (...).”*  
(SANTARCANGELI,2002, 228)

Esta pesquisa tem como estudo de caso o jardim do Palácio de Friburgo no Recife, Pernambuco, Brasil, implantado entre os anos 1639-1643, sendo uma das residências onde viveu o Conde Mauricio de Nassau Siegen, pertencente a Casa de Orange da Holanda, funcionário da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), durante o domínio holandês na costa nordeste do Brasil, que tinha na sua pessoa o governante máximo. Trata-se de um jardim histórico, que todavia não existe mais, mas segue fazendo parte de uma paisagem cultural muito conhecida nesta cidade – a Praça da República, uma grande praça cívica, e constitui o maior espaço verde do bairro de Santo Antônio no Recife nos dias atuais.

A contribuição seria no sentido de buscar referências espaciais, de espécies e elementos, de alinhamentos característicos e em voga naquele momento nos jardins de cortes européias, para que se possa ter uma idéia mais precisa de que parâmetros seguiu; uma vez que existem poucas referências, fora uma planta do jardim original e uma elevação frontal existentes no livro de Barleu (funcionário da corte holandesa que o documentou), reproduzidas em várias outras publicações. Além desta planta, há descrições textuais diversas deste jardim, que seria o primeiro parque urbano das Américas, experiência única que viveu o Brasil.

Por outro lado, compreende-se que não se pode fazer uma associação direta entre os elementos levantados e os utilizados diretamente no jardim estudado. Tampouco se almeja como resultado um projeto paisagístico detalhado de reabilitação, repristinação ou restauro crítico do que foi e muito menos do que se encontra hoje em seu lugar.

O que se contempla é que Friburgo na verdade é uma 'mescla', uma mistura de tratados paisagísticos e de ordenação espacial de elementos naturais e artificiais, povoado por espécies de animais e plantas diversas, e em consonância com o clima dos trópicos. Uma associação inédita e testada in loco, que nos serve de testemunho histórico, embora não em sua concretude até os dias de hoje.

Aliado ainda a um período de 'renascimento cultural', de 'redescobrimto' de idéias filosóficas do ser humano a respeito de sua significância no universo, nas leis da igreja, a organização e ordenamento dos primeiros jardins botânicos, a incorporação e coleção das descobertas advindas do Novo Mundo, um novo saber a ser desvendado e testado no dia-a-dia.

## **2. O JARDIM DE FRIBURGO NO NOVO MUNDO, SEU CONTEXTO E CIRCUNSTÂNCIAS**

### **2.1. A invasão e domínio holandês na America portuguesa – a Companhia das Índias Ocidentais e seu ilustre funcionário, o Conde Mauricio de Nassau Siegen**

Passados os descobrimentos, o Brasil se encontrava dividido em Capitânicas Hereditárias, extensas faixas de terras horizontais, subdivididas em sesmarias, doadas a produtores de açúcar. A Capitania de Pernambuco tinha como capital o núcleo elevado de Olinda, tendo como chefe o capitão Duarte Coelho. A aldeia do Recife se compunha de um aglomerado de pescadores em áreas alagadas, e no interior da planície recifense, espaçadas unidades produtivas de açúcar – os engenhos, que escoavam a produção através do rio Capibaribe, até o centro, onde estavam os

armazéns e onde se embarcava a mercadoria para a metrópole. Atividade produtiva de alta rentabilidade, que tinha nos escravos sua força de trabalho, e nos senhores de engenho os donos e administradores do negócio tipicamente agrário.

*"A produção de açúcar era, na colônia portuguesa, voltada para o mercado externo, caracterizada pela grande prosperidade de uma só cultura e pelo uso de mão-de-obra escrava. Segundo documentos da época, variava entre 80 e 100 o número de escravos por engenho (...).*

*Os holandeses invadirão Pernambuco com o firme propósito de tomar posse de suas riquezas. O que os orientou foram a cobiça e as intrigas políticas, o olho grande das nações européias buscando acumular riquezas e consolidar interesses. A burguesia holandesa era próspera, não era católica, mas calvinista, portanto mais liberal para exercitar as ambições capitalistas. Sofriam com os entraves políticos, pois os chamados Países Baixos faziam parte das possessões espanholas (...).*

*A Espanha impôs um bloqueio comercial que impediu a expansão das companhias holandesas. Restava o uso da força militar. Foi preparada uma expedição para invadir a Bahia, com 26 navios que aportaram em Salvador em 9 de maio de 1624, com sucesso inicial. Entretanto, houve uma resistência local que, com a ajuda de tropas espanholas, conseguiu derrotar os invasores holandeses em 1 de maio de 1625. Pernambuco, com mais de 120 engenhos, passaria a ser, então, o grande alvo. Se organizou uma frota com 67 navios e cerca de 7 mil homens, que desembarcaram em 16 de fevereiro de 1630 (...).*

*A Companhia das Índias Ocidentais foi a organizadora das expedições (...). O Brasil estava, como já vimos, nos planos da Companhia. Daí, a persistência: derrotados na Bahia, invadem Pernambuco (...)." (RECIFE, 2000, v. 2, 10-11)*

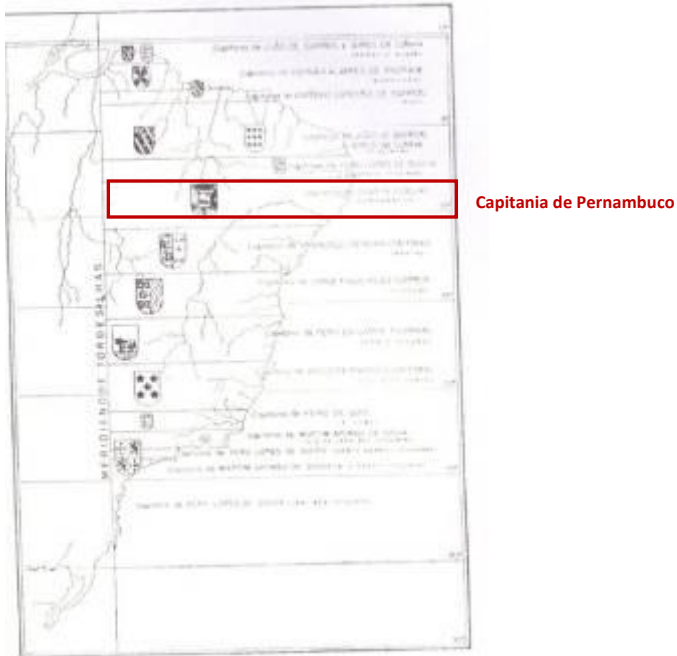


Figura 01  
Sistema de Capitânicas Hereditárias, esboço ilustrativo. Fonte: MELLO, Evaldo Cabral de. **Olinda restaurada**: guerra e açúcar no Nordeste – 1630/1654. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 114.

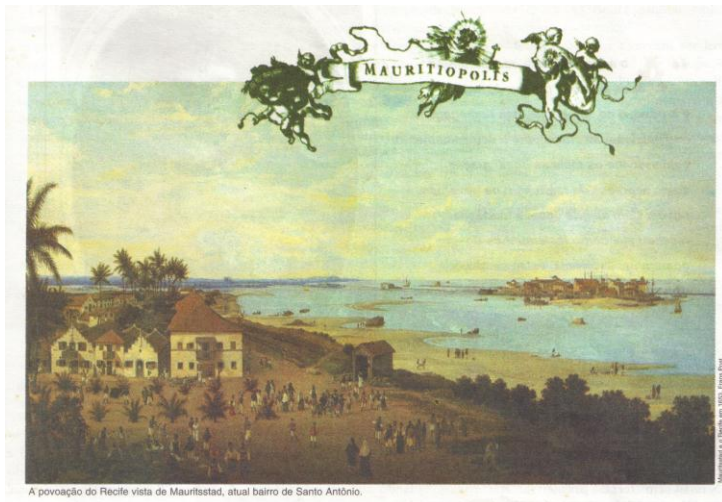


Figura 02  
Vista da Cidade Maurícia. Fonte: RECIFE, 2000, v. 3, 17.

Os holandeses tinham um domínio de navegação singular para esta época, estavam estruturados financeiramente com a ajuda dos judeus e protestantes. Tinham olho na produção de açúcar que rendia altos lucros. E estavam organizados política e societariamente na Companhia das Índias Orientais. Não tardou a fundarem a Companhia das Índias Ocidentais nos mesmos moldes da outra.

Tentaram atacar o litoral do Brasil, já que vinham sondando e amedrontando o fluxo já a algum tempo. Primeiro por Salvador, e não conseguiram. Pouco tempo depois por Recife, travam lutas com os portugueses, estes ajudados pelos locais, e conseguem dominar. Pouco a pouco estendem seu domínio desde a desembocadura do rio São Francisco até o Maranhão, costa leste do Brasil. Quando a conquista já está consolidada, sete anos depois, em 1637, chega o Conde Maurício de Nassau como chefe e governador de todo o território holandês além-mar, escolhendo Recife como sede de seu comando.

Domínio que exerce politicamente, uma vez que os meios de produção e os instrumentos continuavam nas mãos dos senhores de engenho portugueses, fato que termina por sucumbir o império, somado a outras dificuldades, como alimentação, promiscuidades e enfermidades que assolam a terra.



Figura 03

Área máxima do império colonial holandês via Companhia das Índias Ocidentais (WIC) no século XVII. Fonte: PASSETTI, Gabriel. A criação do mito do Brasil holandês. [Http://www.klepsidra.net/klepsidra3/holandeses.html](http://www.klepsidra.net/klepsidra3/holandeses.html)



Figura 04

Mapa da conquista holandesa na costa brasileira, tendo o rio San Francisco como limite sul, e o Maranhão como limite norte. Fonte: PASSETTI, Gabriel. A criação do mito do Brasil holandês. <http://www.klepsidra.net/klepsidra3/holandeses.html>

*“A Companhia das Índias Ocidentais indicou, em 1637, o Conde Mauricio de Nassau, então com 33 anos, de origem alemã, muito prestigiado na Holanda por seus feitos militares e por sua capacidade administrativa para cuidar dos interesses da Companhia, mantendo, com sua habilidade política, a estrutura do poder a seu favor. Era como que uma figura do Renascimento, amigo e protetor dos letrados e artistas e que aproveitava a companhia deles (...).*

*Qualidades, portanto, não faltavam a esse jovem militar que recebia um salário mensal de 1.500 florins. Tinha amplos privilégios: governador e capitão-mor de terra e mar, devendo chefiar tudo o que fosse de respeito ao bem público. Fora isso, tinha pretensões e postura de mecenas (...).”*(RECIFE, 2000, v. 2, 14-15)

*“Nassau ampliou suas ações administrativas. Em sua comitiva, vieram pessoas das mais diversas áreas do saber: desenhadores, naturalistas, pintores, arquitetos, médicos, ... . Não era fácil, contudo, conseguir conviver com costumes tão diferentes. Os holandeses eram, em sua maioria, protestantes, tinham no comércio sua atividade economicamente mais importante. A colonização portuguesa contava com uma forte presença do catolicismo, tinha uma estrutura de produção agrária. (...)*

*Nassau colocou a venda os engenhos abandonados, alguns deles avaliados em 100.000 florins. Tornava-se fundamental recuperar a produção açucareira, conseguir mais aliados entre os senhores de engenho, os proporcionando créditos para adquirir escravos e cuidar das plantações. Nassau era um funcionário da Companhia, necessitava mostrar competência, livrar-la dos prejuízos. (...)*

*Assim se consolidava o domínio holandês. Seu modelo administrativo era baseado no Conselho dos Escabinos, com funções similares as das câmaras nas Colonias*



*Portuguesas. Preocupou-se em aumentar o abastecimento alimentar existente, decretando em 1638 que senhores de engenho e lavradores de canaviais e roças plantassem 200 covas de mandioca por escravo que tivessem. (...)*

*Não se descuidou dos divertimentos. Festas na rua, cavalhadas, teatro e a famosa farsa do boi voador, que até hoje, permanece na memória da cidade ...". (RECIFE, 2000, v. 3, 19)*

Para suportar o 'boom' populacional que chegara com a invasão ( em número de navios não coincide, uns dizem 13, outros 47) e somado aos que perderam suas casas em Olinda (ao redor de 2000 almas), se fazia necessário mais habitações. Elaboram então um plano urbanístico, visando a ocupação da outra estreita faixa atrás do núcleo portuário, chamando-a de Cidade Maurícia. O plano contemplava fortes, fossos, baluartes, uma praça de armas, duas pontes, residências e dois palácios para Vossa Majestade, um dos quais dedicaremos este estudo a seus jardins.

## **2.2. O plano holandês para uma nova cidade: a 'Mauristadt' - palácios, portas, pontes, fortes, fossos, residências, plaza de armas**

A divisão territorial da Capitania de Pernambuco compreendia "seis comarcas, das quais Iguaraçú é a mais antiga, Olinda a segunda maior, Serinhaém a terceira, Porto Calvo a quarta, Alagoas a quinta e a do rio de São Francisco a sexta, limite austral da província de Pernambuco.

*São cinco as cidades da província: Iguaraçú, Olinda, Maurícia, que abrange Recife e uma cidade recente na ilha de Antonio Vaz, Bela Ipojuca e Vila Formosa do Serinhaém. As povoações são: Muribeca, S. Lourenço, Santo Antonio, Santo Amaro e outras do tamanho de vilas.*

*A região é muito montuosa, mas também fértil, mormente nos vales e nas ribeiras dos rios. Produzem fartamente os montes mandioca e outros frutos, e alguns dão canas de açúcar, posto que nos vales haja maior abundância delas.*

*As comarcas supra mencionadas se dividem em freguesias, espécies de comunas, e contam cento e vinte e um engenhos, mas nem todos se ocupam atualmente em fabricar açúcar, porque se acham parados muitos deles, por estarem arruinados ou por falta de trabalhadores". (BARLÊU, 1974, 127-128)*

Elegendo Pernambuco como sede do domínio holandês – a Nova Holanda, interessam-se pelo Recife e por Itamaracá para instalarem a sede administrativa dessa nova conquista, desse novo governo. Optam pelo Recife, uma vez que estava mais centralizado em relação as zonas produtoras de açúcar, mais próximo a capital da província <sup>4</sup> (que logo vão incendiar por não conseguir dominar), e ao mesmo tempo de parecer muito fisicamente com as terras baixas, planas e alagadiças do país de origem.

---

<sup>4</sup> Olinda , sede da Capitania, aparato administrativo e jurídico da administração portuguesa, é incendiada em 1631 (por dominarem politicamente, mas não conseguirem 'mandar'efetivamente, tampouco cercar ou fortificar), sendo seus restos construtivos utilizados na construção da Cidade Maurícia, inclusive no próprio Palácio de Friburgo, onde se utiliza para seu molhe pedras de lioz vindas de Olinda.



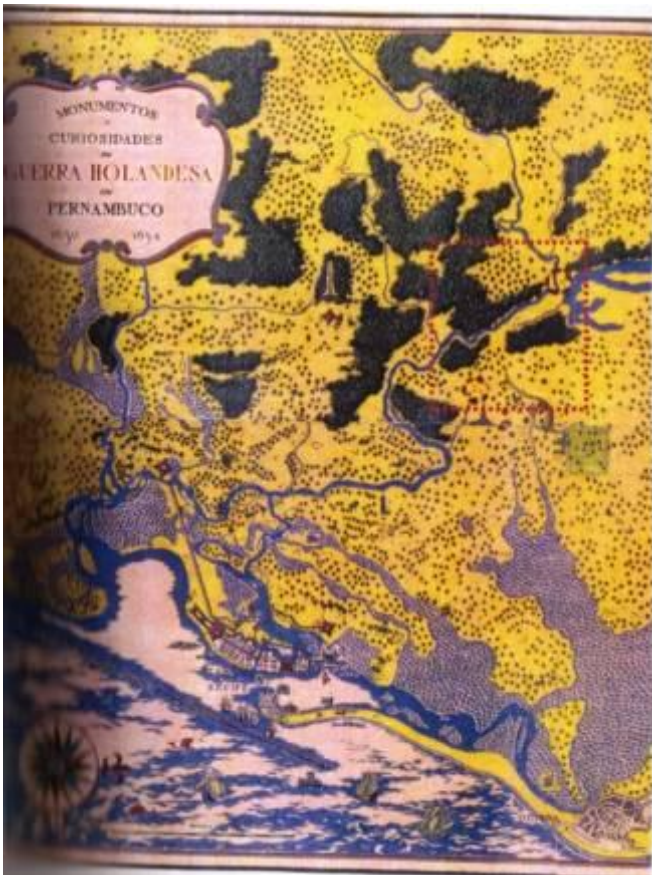


Figura 05

EST. Grafico Dreschler & Cia. **Monumentos e curiosidades da Guerra Holandesa em Pernambuco: 1630-1654.** Recife: Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, 1941. Fonte: Museu do Estado, Recife, PE, Brasil.

*“O núcleo primitivo urbano da cidade nasceu com o Porto do Recife e era constituído originalmente por um conjunto de estreitas ilhas e gamboas, resultantes das ações de depósito trazidas pelos rios e correntes marítimas e do aterro dos manguezais, em diversos momentos da história. A ocupação, restrita a uma pequena povoação, era composta por marinheiros, carregadores e pescadores, vivendo em casas de palha na extremidade sul da península. A constituição desta vila é registrada já em 1537.*

*Até a chegada dos holandeses (1630), Recife dependia de Olinda – local de moradia dos aristocratas do açúcar. Os invasores preferiram se estabelecer nas terras baixas do Recife, seja porque o sítio de Olinda não favorecia a seus interesses militares e comerciais, seja pela semelhança do sítio do Recife com as terras da Holanda. A ocupação foi sendo feita por soldados, colonos, habitantes de Olinda (incendiada pelos holandeses) e por imigrantes judeus.*

*A intervenção holandesa (1637-1654) foi um fator decisivo para o direcionamento dos três eixos da urbanização da parte central do Recife, com a construção de fortes e redutos para impedir os ataques por terra e, também, através da intervenção*

planejada de Mauricio de Nassau. Em paralelo aos eixos, os aterros contribuíram para ampliar a área construída das ilhas do Recife e de Antonio Vaz; dos arredores do Cabanga, da Boa Vista, dos Coelho, e da Ilha do Leite; bem como dos dois lados da bacia do Pina e nas imediações da área portuária(...)" (Recife, 470 anos. [Http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/hisotria](http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/hisotria))

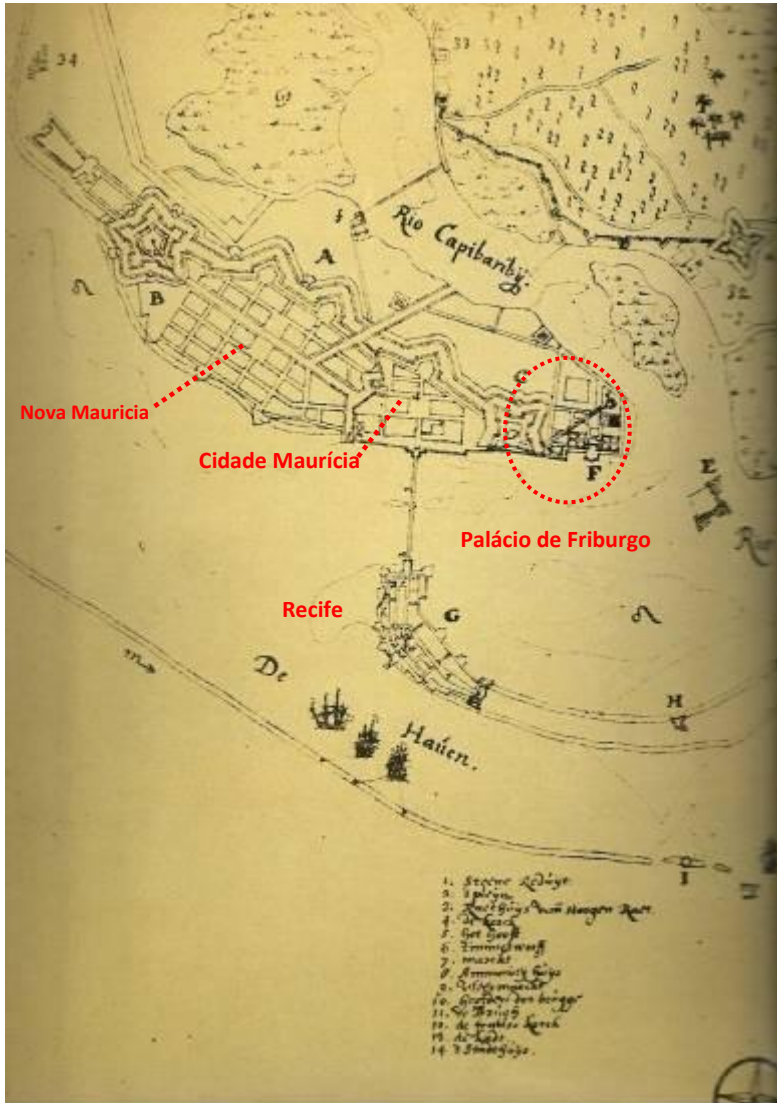


Figura 06  
Mapa do Recife, 1648. Cornelius Sebastiaanszoon Golijath. Fonte: HERKENHOFF, 1999, p. 98.

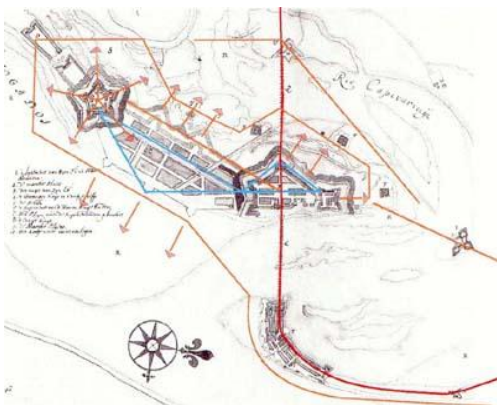


Figura 07

Recife em 1639. Plano de Pieter Post. Mapa Vingboons – detalhe. Fonte: MENEZES, José Luis Mota. O urbanismo holandês no Recife – permanências no urbanismo brasileiro. [http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo\\_12.htm](http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo_12.htm)

*“A Cidade Maurícia foi consolidação de uma política de distribuição de terras urbanas que se identificou com aquele modelo definido pelos Países Baixos, de raízes sociais, onde a todos os indivíduos se devia dar o direito do uso do solo, em padrões bem definidos pelo governo. O ato de organizar o território, previamente estudá-lo, e para ele realizar um plano de ocupação, reflete sem dúvidas um novo método de projetar(...).*

*Comparando o ato de fundação de Olinda e de outras cidades do mundo português de além mar, onde as determinantes do desenho urbano eram decorrentes da definição presa do lugar e de natureza própria ao mundo que o lusitano criou nos trópicos, podemos avaliar a diferença de atitude entre as duas culturas que chegaram a conviver no Nordeste.*

*O plano tem uma concepção geométrica admirável e fruto da necessidade de equilíbrio e proporção entre os elementos envolvidos, revelando conhecimento pelo autor de uma forma de traçado, onde a presença da geometria, definida pelos triângulos reguladores, se encontra bem marcada.*

*A ilha de Antonio Vaz, no trecho considerado entre o Forte Ernesto, incluindo o Grande Alojamento e a fortificação de Cinco Pontas, é definida, em termos de parcelamento urbano, ‘a maneira da nova Amsterdã, aquela dos planos de 1590 e 1612: um longo canal divide a ilha em duas partes e dos dois lados quadras são dispostas onde, de espaço a espaço, pontes ligam as duas bandas. Toda a parte central da nova organização do solo é protegida, ainda tendo por modelo aqueles traçados de cidades fortificadas, por um longo trecho com fosso e muralha (...) Não foi apenas um projeto de ampliação do existente, mas, na verdade um plano diretor que se voltava para a organização de toda uma área habitada”. (MENEZES, 2001, 125-127)*

*“O governador holandês pretende melhor utilizar a velha Ilha de Antonio Vaz, diante do que, ‘a luz de cidades européias, era o caos da aldeia Recife. Por mais que procurasse melhorar as condições de tal aglomerado urbano, ele era viciado, segundo a visão holandesa, de nascimento: as características da península e a forma prática de ocupação urbana portuguesa, levou ‘aquele simples traçado axial, vinculado a um*

*princípio extremamente simples e comum, sem grandes recursos eixo-igreja-passagem para a ilha; ruas ortogonais ao eixo diretor e este se encurvando por força da forma da península. Não se podia muito fazer em termos de ampliação, ou redesenho urbano, as condições anteriores o impediam, quando associadas ao mar e ao rio. Os judeus conseguiram, aterrando o rio, construir uma rua, que prolongou aquele eixo determinando aquela Porta da Terra, mas ousar além disso era bastante oneroso".* (MENEZES, 2001, 124)

Neste plano, seus elementos também assumiam nomes na língua holandesa, como nome de ruas, portas e mercados, entre outros, assinalados nas plantas da Cidade Maurícia e vila do Recife, figuras 9 e 10. Assim no Recife estavam a rua do Mar (*Seestraet*), a rua da Balsa (*Pontstraet*), a rua do Carcereiro (*Geweldigeratraet*), a rua Nova (*Nieuwestraet*), a rua do Vinho (*Winjstraet*), a rua do Bode (*Bockestraet*), a travessa do Mouro (*Moriaensteech*), além do dique do porto (*Havensdijck*).

Havia vários mercados, como o mercado do peixe, o mercado do Recife, o mercado de carne (*Vleysmarct*), o de verduras (*Groenmarct*) e o mercado grande de Maurícia, no 'terreiro dos coqueiros', este na ilha de Antonio Vaz.

Assim como haviam várias portas na cidade – a Porta da Terra (*Lantpoort*), situada ao norte do Recife, a caminho de Olinda, local onde depois foi construído o arco do Bom Jesus, hoje também demolido; a Porta da Balsa (*Pontpoort*), próxima a cabeceira da ponte que ligava Recife a Maurícia; a Porta da Agua ou Porta do Mar (*Waterpoort*), próxima a atual praça Alfredo Lisboa, situava-se no desembarcadouro, para os que desembarcavam de navio no porto; e a Porta Sul (*Zuijtpoort*), que servia de passagem ao canal que desembocava próximo a atual igreja do Espírito Santo no bairro de Santo Antônio. Esta a única porta na Cidade Maurícia.



Figura 08

Arcos existentes no velho Recife. O arco do Bom Jesus, o de Santo Antonio e o da Conceição. Fonte: [http://www2.uol.com.br/JC/2001/1009/cd1009\\_4.htm](http://www2.uol.com.br/JC/2001/1009/cd1009_4.htm)



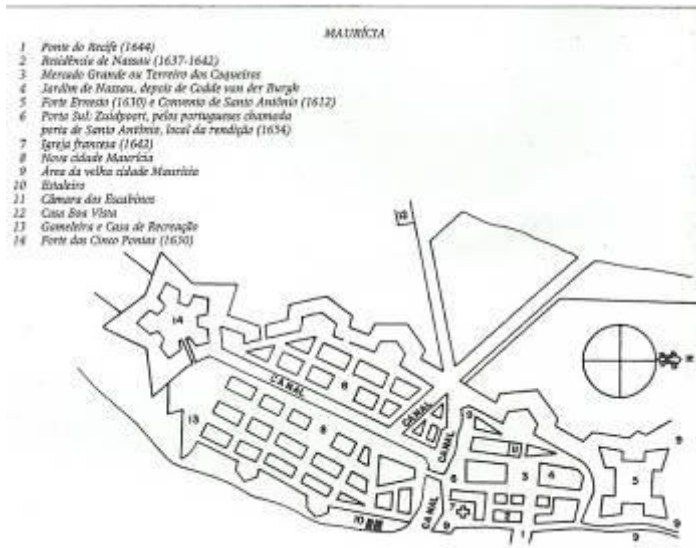


Figura 09  
Planta da Cidade Maurícia. Fonte: MELLO, 2001, s/p.

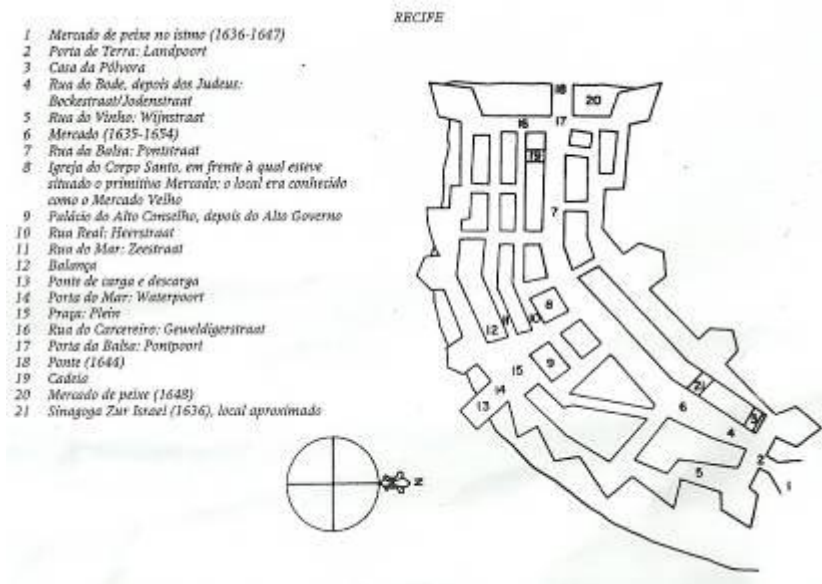


Figura 10  
Planta do Recife. Fonte: MELLO, 2001, s/p.

"Mauristadt logo se transformou em um verdadeiro centro urbano, similar a uma cidade européia. As ruas foram calçadas com tijolos e ganharam nomes holandeses (Heerstraat, Zeestraat, Pontstraat). Duas grandes pontes foram erguidas sobre o Capibaribe, conectando a cidade ao continente. Áreas alagadiças foram dragadas para garantir o traçado regular das ruas. Se abriram canais e erguidas pequenas pontes.

*Nesses canais entravam barcos maiores para transportar pessoas e mercadorias, como nas cidades holandesas na margem do mar. Nos dois palácios que ergueu para si mesmo, Nassau ordenou plantar um jardim botânico com árvores e plantas nativas da floresta brasileira. Aves e animais foram reunidos em um zoológico. Pouca coisa sobrou da Maurícia no Recife de hoje ...*

*Em 1644, duas grandes pontes foram erguidas: uma conectava a população do Recife (atual bairro do Recife) a Cidade Maurícia (hoje bairro de Santo Antônio), com 259 metros de comprimento, e outra conectando a Cidade Maurícia ao continente, onde está o bairro da Boa Vista, com 318 metros". (PUNTONI, Pedro. A Guerra dos holandeses. In: RECIFE, 2000, v. 3, 20-21)*

### **2.3. O Palácio de Friburgo e seus jardins: 'Horto Zoobotânico' - a escolha do sitio, seu traçado**

#### **O Palácio de Friburgo**

*" O Palácio de Friburgo, local de residência e despacho do governador, o conde João Maurício de Nassau Siegen, era conhecido pela população como Palácio das Torres, devido a sua arquitetura. Tinha duas altas torres, quadrangulares, com cinco pavimentos, conectadas por um corredor coberto, dando-lhe o aspecto de igreja. As torres, ademais de embelezarem o palácio, serviam como marco para os navegantes, que podiam vê-las a uma distância superior a sete milhas. Uma delas era utilizada como farol, e a outra como observatório astronômico, o primeiro fundado na América. Foi construído de frente para o mar, para a velha zona portuária do Recife, e os fundos para o encontro dos rios Capibaribe e Beberibe. Diante da fachada havia uma ampla escadaria.*

*Era protegido, do ponto de vista militar, por canhões, um grande fosso e o Forte Ernesto, estes dois últimos situados na área onde hoje se encontram o Palácio da Justiça e o Convento Franciscano de Santo Antônio.*

*Apresentava vários e luxuosos salões, destacando-se o salão de honra, onde podiam ser encontrados quadros de vários pintores, entre os quais, Frans Post e Albert Eckout, ricas tapeçarias e um mobiliário feito com as melhores madeiras do país. Havia cópias de preciosidades de origem européia, que só existiam em palácios de reis ou residências de nobres da época. A grande maioria destas riquezas, ou todas elas, se encontram atualmente difusas pela Europa, especialmente na Holanda e na França, países para os quais Nassau vendeu grande parte de suas coleções.*

*O Palácio de Friburgo estava situado no centro de um jardim zoo-botânico, onde foi reunida uma grande variedade de exemplares da fauna e flora dos trópicos, que serviram de fonte para os primeiros tratados escritos sobre Historia Natural do Brasil, como as obras **Historia Naturalis Brasiliae** e **De medicina brasiliensi**, dos naturalistas Williem Piso e Georg Marcgraf.*

*Constavam também do jardim zoo-botânico, um grande viveiro de peixes, um pombal, vários tipos de aves e outros animais como papagaios, araras, cisnes, galinhas de Guiné, pavões, jabutis, tamanduás, antas, coelhos, saguins, pacas, tipos de macacos entre outros, grande parte doada pelos moradores que queriam agradecer ao conde-governador (...)". (Palacio de Friburgo, Recife, PE, arquivo on-line da Fundação Joaquim Nabuco. [Http://www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br))*

Antes de Friburgo, Nassau reside em outras duas moradias, que podem ser observadas a seguir. Primeiro numa residência próxima ao Terreiro dos Coqueiros e do mercado, na Ilha de Antonio Vaz, em seguida no Palácio da Boa Vista, e por fim no Palácio de Friburgo.



Figura 11

1ª residência: der Hof Sr. Excellenz. Grabado de Zacharias Wagner. Fonte: GUERRA, 1996.



Palácio Boa Vista, construída em 1643, ao longo do Capibaribe, para recreio do Conde Maurício de Nassau.

Figura 12 – 2ª residência: Palacio da Boa Vista. Fonte: Uma nova forma de desenho urbano – a nova Maurícia. Fonte:

[http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/125historia\\_holandeses\\_novamauricia.htm](http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/125historia_holandeses_novamauricia.htm)





Figura 13

3ª residência: Palácio de Friburgo (ou de duas torres). Fonte: RECIFE, 2000, v. 3, p. 19.

### A escolha do sítio, seu traçado

A escolha do sítio para erguer Friburgo não foi a toa, assim como todo o planejamento da Cidade Maurícia, foi detalhadamente traçado e calculado. Além de estar na ponta da Ilha de Antonio Vaz, estava estrategicamente protegido por três fortificações, era uma área plana, de bonitas visuais, protegida do mar aberto pelo povoado do Recife mais a frente, e separada de Maurícia. Juntava consigo ingredientes que o faziam o local ideal para a morada do príncipe. Que aí pôde fazer seu sonho vingar.

O jardim se inclui nesse plano urbanístico cuidadosamente pensado, fará parte da estratégia maior de dominação e geração de riqueza para a metrópole, contudo é importante porque vai ser uma experiência inédita para o Brasil, e única na América, no que se refere ao traslado de toda uma corte europeia para os trópicos no século XVII. Seu chefe-governador acumulava as funções administrativa e também da Casa Real. Era Governador e Príncipe-Conde. E o jardim de seu palácio principal, Vrijburg – o alcázar da liberdade, assim chamado por ele próprio, vai ser o lugar onde se permite morar, colecionar, brincar, vigiar, dar festas, suprir carências de abastecimento de água potável e de alimentos a população que governa.

*“Havia na chamada Ilha de Antonio Vaz (tal era o nome do antigo possuidor) ampla área de terreno, entre o forte Ernesto e a das Três Pontas, situada entre o Capibaribe<sup>5</sup> (sua denominação deriva das capivaras, porcos anfíbios, cuja raça é freqüente neste rio) e o Beberibe. Era uma planície sáfara, inculta, despida de arvoredo e arbustos, que, por estar desaproveitada, cobria-se de mato. Na margem ulterior do Capibaribe, erguia-se uma colina que, em tempos de guerra, havia de prejudicar a cidade, porquanto, não entrincheirada dessa banda, ficava acessível aos danos feitos pelos inimigos. Mais de uma vez sugeria o Conde ao Supremo Conselho ligar por um valo os dois referidos fortes para se por a coberto aquela área, mas não logrou persuadi-lo em razão das vultosas despesas. (...)*

*Não obstante, ao Conde aprouve furtar aos olhos aquele terreno desnudo, sombreando-o com uma plantação de árvores, não só para não ficar exposto 'as*

<sup>5</sup> Segundo a observação de Barléu, *Capibaribe* é corruptela de *capibara-y-be*, rio das capivaras (BARLEU, 1974, 386).

*ofensas do inimigo, mas ainda para os cidadãos e soldados, durante as quadras ásperas, delas tirarem o alimento e o refrigério dos frutos, encontrando também ali os habitantes um abrigo seguro. Realmente, houve uma ocasião em que, não se podendo entrar no Recife por causa do rio, trezentos cidadãos, passando além deste para colherem laranjas, foram quase exterminados, e aprenderam tardiamente a necessidade de seu abastecimento doméstico. Por conseguinte, Nassau, para não pesar ao tesouro e para prover ao bem público, adquiriu a sua custa aquele terreno, transformando-o num lugar ameno e útil tanto 'a sua saúde e segurança como 'a dos seus. (...)*

*O Conde, edificando, teve o cuidado de atender 'a salubridade, procurando o sossego e obtendo a segurança do lugar, sem descuidar também da amenidade dos hortos. De fato, observou-se tal ordem no distribuir as árvores que, de todos os lados, ficavam os vergeis protegidos pelos fortes e por treze baterias.*

*Surgiam, em lindos renques, 700 coqueiros, estes mais altos, aqueles mais baixos, elevando uns o caule a 50 pés, outros a 40, outros a 30, antes de atingirem a separação das palmas. Sendo opinião geral que não se poderiam eles transplantar, mandou o Conde buscá-los a distância de três ou quatro milhas, em carros de quatro rodas, desarraigando-os com jeito e transportando-os para a ilha, em pontões lançados através dos rios. Acolheu a terra amiga as mudas, transplantadas não só com trabalho, mas também com engenho, e tal fecundidade comunicou áquelas árvores anosas, que, contra a expectativa de todos, logo no primeiro ano do transplante, elas, em maravilhosa avidez de produzir, deram frutos copiosíssimos. Já eram septuagenárias e octogenárias e por isso diminuíram a fé do antigo provérbio: 'árvores velhas não são de mudar'. Foi cousa extraordinária ter cada uma delas dado frutos que valiam oito rixdales <sup>6</sup>. Depois do coqueiral, havia um lugar destinado a 252 laranjeiras, além de 600, que, reunidas graciosamente umas 'as outras, serviam de cerca e deliciavam os sentidos com a cor, o sabor e o perfume dos frutos. Havia 58 pés de limões grandes, 80 de limões doces, 80 romanzeiras e 66 figueiras. Além destas, viam-se árvores desconhecidas em nossa terra <sup>7</sup>: mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras <sup>8</sup>, cabaceiras, cajueiros, uvalheiras <sup>9</sup>, palmeiras, pitangueiras <sup>10</sup>,*

<sup>6</sup> Moeda de prata fabricada antigamente na Alemanha, Suécia, Dinamarca, Polônia, Flandres e Suíça. Chamavam-lhe em França o escudo do Império e, no século XVIII, avaliavam-no em 5 libras e 8 soldos torneses (BARLEU, 1974, 387).

<sup>7</sup> É a seguinte a numeração do texto: 'Adhaec ignotae terris nostris Papajae, Mammae, Ienepapae, Mangarae, Calabassiae, Acajusiae, Ovasiae, Palmae, Cerasi Brasilianae, Pyri Punicae, Aratucae, Sempervivae, Bacovae sive Bananes'.

<sup>8</sup> *Mangarea* devia ler-se *mangabae*. De fato não parece razoável incluir entre estas o *mangará*, designação de várias aráceas, plantas tuberosas, de tubérculos comestíveis (*Caladium*), de *mã* + *cara* = o tubérculo ou raiz de montão. A esta planta se refere Cardim: 'Nesta terra há outros gêneros de fructas, como caraminhas pretas, e vermelhas, batata, outras raízes que chamam mangará, outra que chama cará ...'. A árvore frutífera é a mangabeira (*Hancornia speciosa*, família das Apocíneas). O fruto (e também a árvore) chama-se *mangaba*, corruptela de *mongaba*, o grude, o visco. Em Piso e Marcgrav *mangaíba* e *mangahiba*.

<sup>9</sup> *Uvalheira*, árvore que dá a *ubaia*, *uvaia* ou *uvalha* (*Eugenia campestris*, mirtácea). Corruptela de *ubá-aia*, o fruto azedo.

romeiras, araticuns jamacurús<sup>11</sup>, pacobeiras ou bananeiras. Viam-se ainda tamarindeiros, castanheiros, tamareiros ou cariotas, vinhas carregadas de três em três meses, ervas, arbustos, legumes, plantas rasteiras, ornamentais e medicinais. É tal a natureza das ditas árvores que, durante o ano inteiro, ostentam flores, frutos maduros junto com os verdes, como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo, em várias de suas partes, a puerícia, a adolescência e a virilidade, ao mesmo tempo herbescente, adolescente e adulta. (...)

O palácio por ele construído (chama-se Friburgo, isto é, cidadela da liberdade) tem duas torres elevadas, surgindo do meio do parque, visíveis desde o mar, a uma distância de seis a sete milhas, e servem de faróis aos navegantes. Uma delas, tendo no topo uma lanterna e jorrando sua luz nos olhos dos nautas, atrai-lhes a vista para si e para o forte da costa, indicando-lhes a entrada segura e certa do porto. De cima delas descortinam-se, de um lado, as planícies do continente e, de outro, a vastidão dos mares, com os navios aparecendo desde longe. Idoneas para atalaia e para se vigiarem de dia os salteadores, ainda por esta serventia merecem o gabar-se-lhes a beleza e necessidade. Diante do palácio e como surgindo do Beberibe, estende-se uma bateria toda de mármore, que comporta dez peças para segurança do rio. Não deixarei de dizer também que no parque existem poços distantes dos rios três varas das nossas ou pouco mais. Rodeados de águas salgadas, ou porque estas, filtrando-se através da terra, perdem a salsugem, ou porque estes poços brotam de lençol mais profundo que o leite dos dois rios. São eles de grandíssima utilidade, porque não se podem buscar fora águas doces em razão de estarem rodeadas de inimigos. Entretanto, o que é mais de admirar é encontrarem-se no sertão, já bem longe do litoral, poços de água salgada. Contém esse mesmo parque três piscinas amplíssimas, providas de todo o gênero de peixes, conforto valiosíssimo para a população, quando falta mantimento. No primeiro trimestre após serem cavados esses viveiros, foi tão copiosa a pescaria,

---

<sup>10</sup> O que Barléu chama de cereja do Brasil (*Cerasi Brasilianae*) são as pitangas (*Eugenia uniflora*, mirtácea). Falando desta planta, escreve Vasconcelos: 'Pitangueiras, seus frutos são como ginjas de Portugal em gosto, e qualidade'. A ginja é uma variedade de cereja (*cerasus juliana*), de um vermelho mais escuro que esta e sabor agri-doce (Tupi-guarani – *pitanga* ou *piranga* = vermelho, rubro).

<sup>11</sup> **Sempervivae.** Com esta denominação vaga quis Barléu indicar uma planta desconhecida na Europa ou pelo menos na Holanda. Mas *sempervivum*, gênero das crassuláceas, é uma erva de pequeno porte, comum nas regiões temperadas do velho mundo. As crassuláceas americanas em regra pertencem ao gênero *Sedum*, encontrando-se de preferência na parte ocidental do continente (E. Unidos, México, Perú, etc.). As espécies do gênero *Sedum* são plantas herbáceas, erectas ou decumbentes, de hastes e folhas carnosas e suculentas. Crescem em sítios quentes, secos e expostos. Levado provavelmente por imperfeitas e longínquas semelhanças entre as crassuláceas e as cactáceas, pois estas são também plantas carnosas, suculentas e tipicamente xerófilas, intentou Barléu exprimir, com a designação '*semperviva*', alguma cactácea, talvez o *jamacarú* ou *mandacarú* (***cereus jamacaru*, *cereus triangularis***), cacto arborescente assaz conhecido, que dá um fruto comestível e apreciado. Na carta do Sergipe e na vista do Forte de Mauricio que ilustram a obra de Barléu figuram representações de cactáceas, naturalmente como curiosidades da flora brasílica. Parece, portanto, exata a identificação do termo '*semperviva*' empregado no texto latino com o *jamacaru*, o qual indubitavelmente havia de existir no parque ou no pomar de Mauricio como vegetal curioso e útil. (BARLEU, 1974, 387)

*que três lanchas mal bastavam para o transporte dos peixes, além daqueles que a liberalidade do Conde cedeu aos soldados. Há outros viveiros ainda nos limites do parque, mesmo no rio, fechados por cercas, os quais fornecem larga cópia de peixe, na maré ascendente. Mais de uma vez já aconteceu que uma só pesca rendeu aos donos cem florins, lucro bastante avultado". (BARLÈU, 1974, 149-152)*

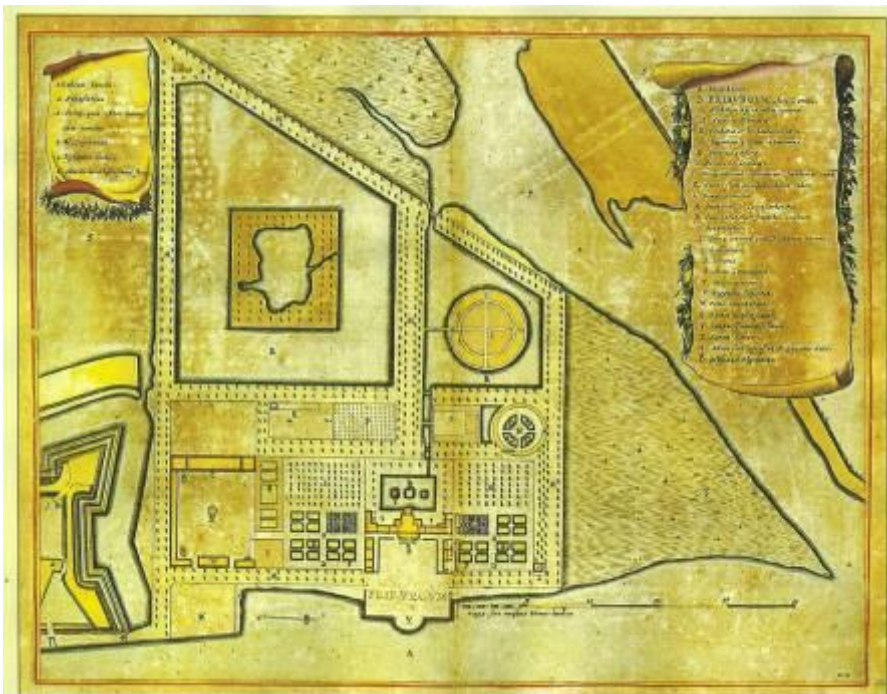


Figura 14  
Planta do Palácio de Friburgo e seu jardim. Fonte: HERKENHOFF, 1999, p. 90.

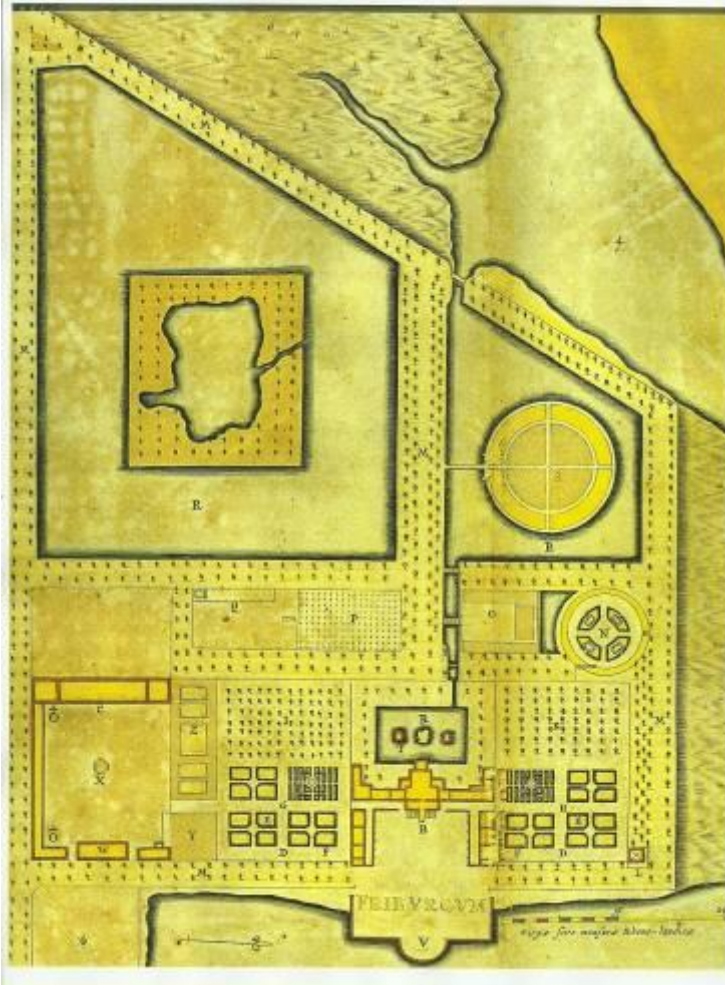


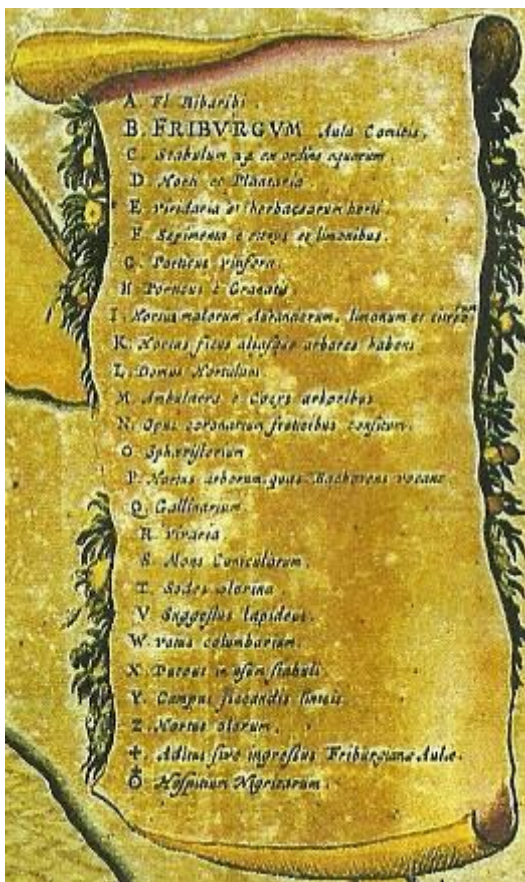
Figura 14A  
Traçado e alinhamentos do jardim de Friburgo. Fonte: HERKENHOFF, 1999, p. 91.



Figura 14B

Zoom na legenda da planta baixa do Jardim de Friburgo, imagen anterior. Fonte: HERKENHOFF, 1999, p. 90.





- A. El Bibaribi (Beberibe river)
- B. Friburgum Aula Comitum (The room for the retinue of Vrijburg)
- C. Stabulum 24 ex ordine equorum (stable for twenty-four horses)
- D. Horti et plantaria (Well for the plantation)
- E. Viridaria et herbaceorum horti (gardens with shrubs and herbs)
- F. Sepimenta e citrys et limonibus (Hedges with lemon trees and citrus)
- G. Porticus vitifera (Pergola of vines)
- H. Porticus e Granatis (Pergola of pomegranates)
- I. Hortus malorum Aurantium, limonum et citreorum (Citrus and orange fruits against disease)
- K. Hortus ficus aljasque arbores habens (figs and various other trees)
- L. Domus Hortulari (Gardener's house)
- M. Ambulacra e Cocys arboribus (Avenues of coconut palms)
- N. Opus coronarium fruticibus consitum (Roundel made of hedges)
- O. Sphzristerium (Bowling Green)
- P. Hortus arborum quas Bachovens Vocant (Gardens with trees called banana)
- Q. Gallinarium (Poultry yard)
- R. Vivaria (Fish ponds)
- S. Mons Cuniculorum (Rabbit place)
- T. Sades olorina (Swan's island)
- V. Suggestus lapideus (Stone rampart)
- W. Vetus columbarium (Dovecote for old doves)
- X. Puteus in usum stabuli (Underground space for the use of the stables)
- Y. Campus sicandis listeis (Space for feeding trout)
- Z. Hortus olerum (Olive plantation)
- + Auditus sive ingressus Friburgiane Aule (Entrance to Vrijburg square)
- ⊕ Hospitium Nigritarium (Slave quarters)

Figura 14C

Zoom na legenda do jardim. Fonte: HERKENHOFF, 1999, p. 90. Tradução do latim para o inglês, in: SILVA, 2002, 162.

“A esquerda, separadas do Forte Ernesto por uma trincheira, situavam-se a cocheira, a senzala, o pombal e a olaria; ao fundo os viveiros de peixes e o galinheiro; o rio á direita e pela frente, o cais murado de pedra de lioz arrancada ‘as ruínas de Olinda. Uma grande ‘allée’ de quatro fileiras de coqueiros em eixo com a porta central do palácio, atravessava o parque de rio a rio, cortada ao meio por outra de igual comprimento. Enquadravam o todo avenidas exteriores unindo-se em ângulos retos (salvo uma) e orladas de coqueiros já crescidos, as quais mediam 218 metros pela



frente e 170 pelos lados e 250 por trás (tudo conforme a planta de Barléu), esse conjunto era cercado por uma paliçada contínua de taquara trançada". (GUERRA, 1966, 20)

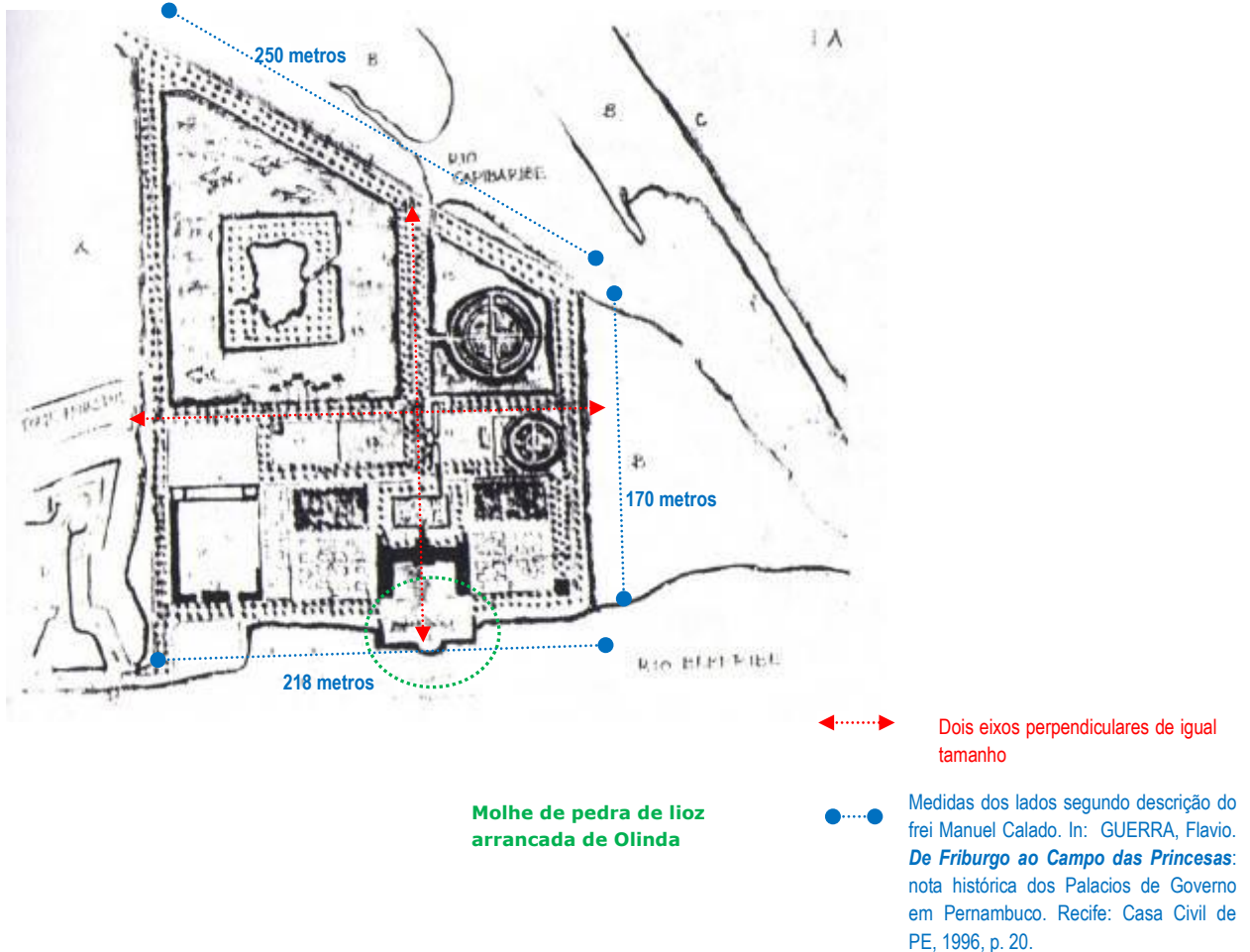


Figura 15  
Planta do Parque de Nassau – Palácio de Friburgo, Recife -1637-1642. Planta dos jardins, tendo o palácio como ponto focal das alamedas de coqueiros. Imagem de fundo, in: SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 1998, v.1,15.

#### 2.4. O jardim de Friburgo em relação aos jardins da época do Renascimento: elementos componentes, traçados, tratados paisagísticos

O Renascimento, período que corresponde de 1420 a 1620 d.C. aproximadamente, é marcado como o da 'harmonia do mundo'. O pensamento se volta para a condição humana, para a busca da beleza das formas clássicas, em paralelo a uma série de outros fenômenos como a invenção da imprensa, o surgimento do protestantismo, publicações e tratados diversos.

No caso dos jardins, Itália e França<sup>12</sup> vão ser os expoentes. Primeiro na Itália, onde o gótico teve menos força, este movimento humanista vai apontar (nos palazzos) e em seguida na França, aflorando outras características, mas dentro de uma mesma filosofia (nos chateaux e castelos). O Jardim de Friburgo já está no limite do Barroco, mas com características ainda renascentistas, daí todo o arcabouço do jardim do Renascimento.

*"... El Humanismo renacentista fue un fenómeno más complejo de lo que puede parecer. No solamente era una recuperación del mundo clásico, sino que incluía el estudio y la recuperación de textos místicos de la Antigüedad. Que fueron una fuente de inspiración imprescindible para la escenografía, estatutaria, fuentes y decoración de numerosos jardines (...).*

*El jardín medieval era fragmentado. El jardín renacentista pasa a una ordenación que unifica el espacio y abre las perspectivas, manteniendo la simetría. Esta nueva dimensión, la apertura al exterior, el juego de terrazas, permitirá la introducción de escalinatas, rampas, grutas, cascadas, etc. A pesar de los desniveles, la continuidad visual está asegurada". (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 17-19)*

---

<sup>12</sup> "Os jardins **italianos**, em meados do século XV, inspiraram-se no estilo romano, com suas estátuas e fontes monumentais, porém, com terraços de vistas panorâmicas, corredeiras d'água e construção através de técnicas de engenharia. (...) O estilo metódico do final da Renascença e começo do Barroco, segue o exagero e técnicas refinadas influenciadas pelos artistas Michelangelo e Rafael, como pode ser visto nos jardins da Villa d'Este em Tivoli. As plantas mais utilizadas foram o azinheiro, o buxo, a cipreste, o louro e o pinheiro. O Jardim Botânico de Pádua é o mais antigo do mundo, fundado em 1545, seguido pelos de Pisa, em 1546 e o de Bolonha, em 1568.

O estilo **francês** foi inspirado nos jardins medievais, principalmente nos da Itália. Predominaram as construções de estilo Barroco, com canteiros de flores multicoloridas, hortas com ervas medicinais, espelhos d'água com chafarizes e pontes, plantas com topiárias. Suas formas geométricas podiam ser percebidas tanto nos caminhos e passeios quanto na vegetação, admitindo-se poucos desniveis. São responsáveis pelos maiores jardins formais do mundo, utilizados para fins de lazer e caça. Um dos seus mais famosos jardins é o do Palácio de Versalhes, e o mais antigo é o Jardim Botânico de Montpellier, fundado em 1597, seguido pelo de Paris, em 1626.

O estilo **holandês** seguiu, no início, os estilos francês e italiano, porém, devido à sua topografia plana e pelo hábito de cultivo das plantas bulbosas multicoloridas e acabou criando um estilo próprio. Tornaram-se mais compactos e graciosos, de múltiplos recintos e com túneis formados por trepadeiras compondo com intrincados grupos florais ao centro, especialmente Tulipas. As pequenas fontes eram envoltas por cercas vivas e ciprestes com topiárias, colocadas em círculos sobrepostos. Os portões de ferro fundido fechando os jardins, também são sua marca. Seu Jardim Botânico mais antigo é o de Leiden, criado em 1577". (VEIGA et al, 2002, 31)

## Elementos componentes: pérgolas, estátuas, fontes e espelhos de água, grutas, cercas e muros, espécies utilizadas

### • Pérgolas

“ Uno de los elementos más frecuentes del jardín renacentista fueron las pérgolas, celosías o folias, paseos cubiertos, generalmente hechos de madera y cubiertos de parra, árboles frutales, rosales trepadores, jazmines, etc. Las podemos ver en numerosos planos y tratados de la época, con caprichosos adornos, complicadas formas, pequeños pabellones centrales, cerrando un espacio o rematando las esquinas, formando una verdadera arquitectura vegetal. ” (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 28)

Apresenta-se vários exemplos de pérgolas e galerias, para que se possa ter idéia do que se usava, inclusive uma arcada de laranjas usada em Roma, que pode ter servido de inspiração ou algo similar, pois em Friburgo haviam pérgolas de laranjas e romãs.

Uma arcada com telhado em cima podia se proteger do sol, calor e humidade dos trópicos, criando um microclima. Exemplos também de paliçadas feitas com árvores de grande porte, na Holanda e França. Sabemos que todo o limite do jardim era feito com paliçadas. Segundo o historiador Leonardo Dantas, baseado em estudos arqueológicos do prof. Marcos Albuquerque, as paliçadas que envolviam o Recife eram de madeiras de maior resistência a umidade que a *taquara*<sup>13</sup>, tais como a *embira* e a *guabiraba*.



Figura 16

Jardim do Palácio da Fronteira em Benfica, Lisboa, em 1668, tendo ao fundo uma composição em azulejos, parterres baseados em uma intrincada geometria do tratado de Cerceau publicado em 1576. Ilustração de 1785, com canteiros de flores em primeiro plano. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 188.

<sup>13</sup> *Taquara* – design. comum a diversas plantas da família das gramíneas, cujo caule é geralmente oco; bambu-taquara, taboca. Informação obtida em conversas com o prof. Leonardo Dantas, consultor do acervo da época flamenga do Instituto Ricardo Brennand, Recife, PE; madeira descrita pelo Frei Manuel Calado e transcrita no texto de Flavio Guerra (1966), exposto anteriormente, como sendo a utilizada na cerca do Recife do período holandês.



Figura 17

Exemplo de pérgolas utilizadas no Castelo de Montargis. Le plus excellent bastiments de France. Jacques Androuet du Cerceau, 1576. Fonte: LUENGO & MILLARES, 2007, v.2, 27.



Figura 18

Arcadas de laranjas crescendo sob a proteção de um telhado, no jardim do Cardinal Pio em Roma. Giovanni Battista Ferrari. Hesperides, publicado em 1646, o primeiro livro dedicado as laranjas, cítricos e limas e suas variedades. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 146.

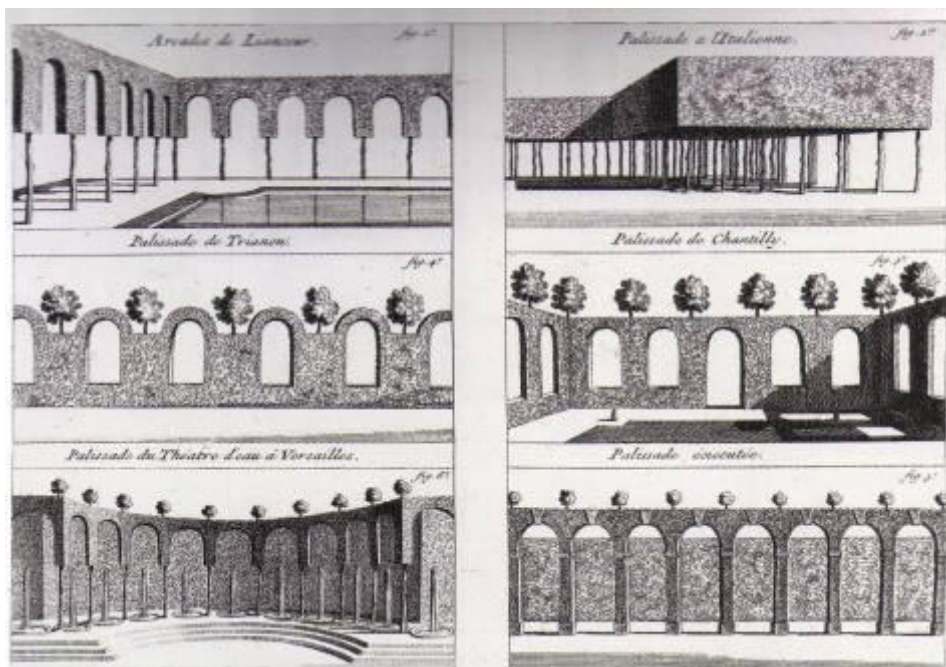


Figura 19

Diferentes maneiras de fazer uma paliçada. Para o tramo eram usadas árvores como elmo e 'hornbean', nos dois lados. A altura oscilava entre 2.4-3.0 metros, e eram plantados em intervalos de 90 centímetros, com outras pequenas árvores entre elas, para fechar a parede. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 177.



Figura 20

A inspiração antiga da decoração. A água canalizada e fechada com pérgola. O sonho de Polifilo. Fonte: BARIDON, 2005, v. 2, 384.

- **Estátuas**

" El patio de Belvedere en el Vaticano, ejecutado por Bramante por encargo del papa Julio II, fue el punto de referencia más importante para las nuevas tendencias en jardinería del siglo XVI. Por su diseño y ubicación, el patio cumplía las funciones de 'jardín secreto' o jardín privado con respecto el edificio, pero de hecho se transformó en un museo de esculturas. Las esculturas se colocaron en nichos de esquina o en los muros (...).



*Las antigüedades de menor tamaño tenían cabida dentro de los palacios, pero las esculturas de mayor dimensión necesitaban de un ámbito de acuerdo además con las refinadas y cultas tendencias de la época. A veces, las esculturas se intercalaban en un pabellón especial – *dietam statuarium* – construido **ex profeso**, que también podía servir para enfatizar una escultura determinada. En todo caso la escultura pasó a ser un complemento indispensable de la estructura del jardín, símbolo de la riqueza de su propietario y de su buen gusto en la elección de las piezas.” (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 28)*

- **Fontes e espelhos d'água, grutas**

As fontes e espelhos de água estavam sempre geométricamente traçados, com formas puras (quadrados, octógonos, círculos ou partes destes), situadas em eixos simétricos, embora fazendo parte de uma composição mais fluida, mais integrada que na Idade Média. As possibilidades do efeito embelezador e cênico dos jatos de água eram aproveitados, todavia sem o rigor do barroco.

*“No cabe duda de que los arquitectos renacentistas conocían y supieron aprovechar las grandes posibilidades escenográficas y plásticas del uso del agua. (...) encontramos grutas naturalistas, donde la figura clásica de la ninfa dormida que veremos en tantos y tantos jardines, tienen origen en la gruta de las ninfas de la Odissea de Homero. Tenían el mundo clásico antiguo y los temas mitológicos como fuente de inspiración.*

*Otro de los infinitos recursos o potencialidades del uso del agua es aquella en que se presenta como un elemento estructural del espacio y que estuvo directamente conectado e inspirado en Villa Adriana. El canope, el pecile, o el teatro marítimo pasaron a formar parte del vocabulario del jardín t a inspirar muchas de las mejores escenografías de este período.*

*Los estanques eran una pieza frecuente, así como los viveros de pescados, los cuales son de mucho entretenimiento para la vista de los que están un rato holgándose en ello de ver los peces como vienen jugando los unos con los otros, mayormente cuando se les echa alguna cosa de comer dentro de la pesquera.*

*Surtidores escondidos para mojar la corte en el momento más insospechado y de ellos tenemos testimonios abundantes. Sentido lúdico, sorpresa, escenografía e ingeniería hidráulica se combinaban para dar protagonismo al agua y hacer de ella un elemento indispensable, alejado ya su uso del meramente útil en el jardín.*

*El resultado fue un jardín que, sin renunciar a la riqueza ornamental, supo restablecerse en los límites de una elegancia contenida y discreta, donde la vegetación tenía un papel principal y el arte era el compañero amable y oportuno de ese paseo delicioso que se ofrecía a la vida estructurada y rígida de la corte. ” (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 29-31)*

- **Grutas**

As grutas são um elemento dos jardins italianos do Renascimento. Pedra e água são associados, como se quisessem reproduzir as entranhas da Terra. *“La gruta era, en efecto, el lugar del misterio, y podíamos servirnos de ella de diferentes maneras para jugar con la impresión que causaría. (...) El mineral desplagaba por todas partes misteriosas bellezas. Aristas vivas de las rocas, conchas marinas, cristales, estalactitas y concreciones diversas tapizaban rincones de sombra de formas indecisas que evocaban los orígenes y apenas se prestaban al libre juego de la luz y de la geometría.*

*El hombre del Renacimiento reconocía en estos lugares la cara oculta del saber, el reino de la alquimia, y quedaba tanto más fascinado por todo ello cuanto que el culto que rendía a la Antigüedad le había impulsado a penetrar bajo la tierra para buscar sus vestigios". (BARIDON, 2005, v. 2, 352-354)*

- **Cercas e muros**

Apesar do avanço em relação aos limites do jardim feudal, fechado com altos e grossos muros, no Renascimento – em seu principio essa limitação se fazia necessária, todavia com muros mais baixos, `as vezes cercas e paliçadas. Pouco a pouco se vai aproveitando o relevo, as vistas, os terraços, os jogos de vegetação em diferentes alturas, até desembocar no Barroco, onde as perspectivas são absolutas, sem necessidade de bordas.

- **Espécies utilizadas**

Este é um dos pontos de maior explosão no Renascimento – o conhecimento, catalogação, uso e plantio de novas espécies, muitas do Novo Mundo, outras do Oriente. Foi uma descoberta incrível, e que trouxe muitos avanços e novas espacialidades aos jardins, tanto domésticos como de castelos e mosteiros. Até a criação dos primeiros jardins botânicos, onde a catalogação das espécies aclimatadas era 'in situ'.

*"La vida cotidiana está fuertemente marcada por la religión. Las flores hablan un doble lenguaje estético y espiritual. Seguiendo estas ideas las flores nos recordarán las virtudes de la Virgen, su amor, su sacrificio, su virgindad o su poder; los santos, sus martírios o sus milagros. La mariposa y la libélula, símbolos del alma, se encuentran con el lagarto y la mosca, imágenes de la muerte y la corrupción. La oposición entre la vida terrestre y el paraíso soñado está presente en el arte y la literatura y crea una tensión constante y dramática. Las plantas americanas y orientales han empezado a llegar y ser conocidas a través de estudios y expediciones, mezcladas a veces sus características: coca, quina, tomate, berenjena, patata, girasol, tabaco, piña, cacahuete, yuca, anémonas, peonías, tratadas como piezas de colección, rodeadas de leyendas que les atribuyen poderes casi milagrosos.*

*Se calcula que en este siglo ´se empiezan a cultivar un número de plantas veinte veces mayor que el que se habían introducido en los dos mil años precedentes´. Asistimos a curiosos usos y modos de empleo de plantas que hoy nos parecen indispensables, como el tomate, que todavía, a finales del siglo XVIII aparece como ornamental en los jardines. La planta del **pimiento** – *Capsicum annuum* - ´conocida en toda España, porque no hay jardín, ni huerta ni mocetón que no la tenga sembrada por la hermosura del fruto que lleva; y también del **girasol** – *Helianthus annuus* – a la que llama ´yerba del sol´ y dice parece muy bien en los jardines.*

*Entre los arboles podemos citar el **plátano**, avalado por la alabanza que Plinio el Viejo hace en su *Naturalis Historia* de su sombra grande y espesa (...). **Olmos, chopos y cipreses** adornaban también las largas avenidas y su figura era familiar e indispensable en los jardines renacentistas.*

*El **naranja** de Sevilla o el naranja conocido también por los italianos como naranjas de Lisboa – *nemus odoratissimum citriorum* – era un signo de distinción que no podía faltar en ningún jardín importante. Los primeros invernaderos surgen precisamente de la necesidad de proteger estos árboles de los fríos invernales.*



El **limonero** se empleaba más a menudo en espaldera, porque soportaba mejor el invierno. Se puede decir que fue el árbol frutal más representativo del jardín renacentista.

Existen también datos que atestiguan el empleo del boj en setos (...). La diferencia entre jardín lúdico y la huerta no es tal como lo consideramos hoy en día". (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 26-28)

"En los siglos XVI y XVII, para enriquecer aún más los jardines y los huertos, aparecieron las fantásticas plantas del Nuevo Mundo: las gardenias y las orquídeas; pero también plantas útiles y humildes, como el tomate y la patata, el tabaco y el maíz, etc. Quién no ha oído hablar de la locura, más que moda, de los tulipanes, que se apoderó de media Europa y que a punto estuvo de llevar a la ruina a los Países Bajos?" (HOBHOUSE, 1992, 229)



Figura 21

A coroa imperial (*Fritillaria imperialis*), conhecida como 'Corona imperialis', provavelmente nativa da Persia, foi introduzida nos jardins europeus através de Constantinopla. Aparece no catálogo de John Parkinson em 1629 – Paradisus. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 97.



Figura 22

*Polygonatum adoratum* e *Rosa gallica* estão presentes em ilustrações desde o início do século XVI. Estas plantas, associadas a Virgem Maria, são sempre mostradas juntas. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 101.



Figura 23

*Opuntia ficus-indica*, um cacto desconhecido, mas de origem tropical, aparece em vaso no piso com uma cerca, mostrando o que poderia passar no inverno. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 122-123.

Lilium  
Rosa  
Fenigrecum  
Costum  
Salvia  
Ruta  
Abrotanum  
Cucumeres  
Pepones  
Cucurbita  
Fasiolum  
Ciminum  
Rosmarinum  
Careium  
Cicer Italicum

Lilium candidum  
Rosa gallica  
Trigonella Foenum-Graccum  
Tanacetum Balsamita  
Salvia officinalis  
Ruta graveolens  
Artemisia Abrotanum  
Cucumis sativus  
Cucumis Melo  
Cucurbita lagenaria  
Phaseolus vulgaris  
Cuminum Cyminum  
Rosmarinus officinalis  
Carum Carvi  
Cicer arietinum

White Lily.  
Rose.  
Fenugreek.  
Costmary.  
Sage.  
Rue.  
Southernwood.  
Cucumber.  
Melon.  
Bottle gourd.  
Bean.  
Cummin.  
Rosemary.  
Caraway.  
Chick pea.

Squilla	Scilla maritima	Squill.
Gladiolus	Iris germanica or I. florentina	German Iris or Orrice.
Dragantea	Artemisia Dracunculus or Arum Dracunculus	Tarragon. Dragon.
Anesum	Pimpinella Anisum	Anise.
Coloquentidae	Citrullus Colocynthis	Bitter apple or cucumber.
Solsequium	Cichorium Intybus	Chicory.
Aneum	Ammi majus	Herb William.
Silum	Laserpitium Siler	Laser-wort.
Lactuca	Lactuca Scariola var.	Lettuce.
Git	Nigella sativa	Fennel flower.
Eruca alba	Eruca sativa	White pepper.
Nasturtium	Lepidium sativum	Garden cress.
Parduna	Arctium Lappa or Tussilago Petasites	Butter Bur.
Puledium	Mentha Pulegium	Penny Royal.
Olisatum	Smyrniolum Olusatrum	Alexanders.
Petresilinum	Apium Petroselinum	Parsley.
Apium	Apium graveolens	Celery.
Leuisticum	Ligusticum Levisticum	Lovage.
Savina	Juniperus Sabina	Savin.
Anetum	Anethum graveolens	Dill.
Fenicolum	Anethum Foeniculum	Fennel.
Intuba	Cichorium Endivia	Endive.
Diptamnus	Origanum Dictamnus or Dictamnus albus	Dittany.
Sinape	Sinapis nigra	Mustard.
Satureia	Satureja hortensis	Summer savory.
Sisimbrium	Mentha aquatica	Water Mint.
Menta	" var.	ditto variety.
Mentastrum	Mentha silvestris	Horse mint.
Tanazita	Tanacetum vulgare	Tansy.
Nepta	Nepeta Cataria	Cat mint.
Febrifugia	Matricaria Parthenium	Feverfew chrysanthemum
Papaper	Papaver somniferum	Poppy.
Beta	Beta vulgaris	Beetroot.
Vulgigina	Asarum europeum	Asarabacca.
Mismalvae	Althaea officinalis	Marsh mallow.

Malva	Malva sylvestris or M. neglecta.	Mallow.
Carvitae	Daucus Carota	Carrot.
Pastinaca	Pastinaca sativa	Parsnip.
Adripiac	Atriplex hortensis	Orache.
Blitae	Amaranthus Blitum	Blite.
Ravacaulis	Brassica oleracea var. caulorapa	Kohl Rabi.
Caulis	Brassica oleracea	Cabbage.
Uniones	Allium Cepa	Onion.
Britlae	Allium Schoenoprasum	Chives.
Porrus	Allium Porrum	Leek.
Radices	Raphanus sativus	Radish.
Ascalonicae	Allium Cepa var.	Variety of onion.
Cepae	Allium Cepa var.	ditto.
Alia	Allium sativum	Garlick.
Warentia	Rubia tinctorum	Madder.
Cardones	Cynara Cardunculus or C. Scolymus	Cardoon.
Fabae majores	Vicia Faba	Bean.
Pisum Mauriscum	Pisum arvense	Field or Grey pea.
Coriandrum	Coriandrum sativum	Coriander.
Cerefolium	Anthriscus Cerefolium	Chervil.
Lacteridae	Euphorbia Lathyris	Wild caper.
Sclarea	Salvia Sclarea	Clary.
Jovis barba	Sempervivum tectorum	House leek.

Figura 24

Plantas, ervas e flores como aparecem na lista Medieval Plants. Johnston, G., *The natural history of the Eastern Borders*, London, 1851. In: Rollenhagen, G., *Nucleus emblematum*. Cloniae, 1611. Fuente: CRISP, 1979, v.1, 37-39.

Affodyll	Narcissus Pseudo-Narcissus	Daffodil.
Auans	Geum urbanum	Herb Bennet.
Betony	Stachys Betonica	Betony.
Borage	Borago officinalis	Borage.
Bryswort	Bellis perennis	Daisy
Bugull	Ajuga reptans	Brown Bugle.
Bygull	Chrysanthemum segetum	Wild Marigold.
Calamynte	Calamintha officinalis	Cat mint.
Camemyl	Anthemis nobilis	Camomile.
Centory	Centaurea nigra or (Erythraea Centaurium)	Knapweed.
Comfrey	Symphytum officinale	Comfrey.
Cowslippe	Primula veris	Cowslip.
Egrimoyne	Agrimonia Eupatoria	Agrimony.
Feldwort	Gentiana lutea	Gentian.
Floscampi	Lychnis dioica	Campion.
Foxglove	Digitalis purpurea	Foxglove.
Gladyn	Iris foetidissima	Iris.
Gromel	Lithospermum officinale	Gromwell.
Henbane	Hyoscyamus niger	Henbane.
Herbe Ion	Hypericum perforatum	St. John's Wort.
Herbe Robert	Geranium Robertianum	Herb Robert.
Holyhocke	Althaea rosea	Hollyhock.
Honysoke	Lonicera Periclymenum	Honeysuckle.
Horsel	Inula Helenium	Elecampane.
Langbefe	Helminthia echinoides or Echium vulgare	Ox Tongue.
Lavyndull	Lavandula vera	True Lavender.
Lyly	Lilium candidum	White Lily.
Lyverwort	Anemone Hepatica	Hepatica.
Mouseer	Hieracium Pilosella	Mouse-ear Hawkweed.
Orpy	Sedum Telephium	Orpine.
Pelyter	Parietaria officinalis	Pellitory of the Wall.
Peruynke	Vinca major and V. minor	Large and small Periwinkle.
Primrole	Primula vulgaris	Primrose.
Rose	Rosa (red and white)	Red and white Rose.
Saferowne	Crocus sativus	Saffron crocus.
Scabyas	Scabiosa	Scabious.
Sperewort	Ranunculus Flammula	Small Spearwort.
Totesayne	Hypericum Androsaemum	Tutsan.
Tyme	Thymus Serpyllum	Wild Thyme.
Valeryan	Valeriana officinalis	All Heal.
Verueyn	Verbena officinalis	Vervain.
Violet	Viola odorata	Sweet-scented Violet.
Walwort	Sedum acre	Stone crop.
Water lyly	Nymphaea alba or Nuphar luteum	White or Yellow Water lily.
Woderofe	Asperula odorata	Woodruff.
Wodesour	Oxalis Acetosella	Wood Sorrel.
Wyldtesyl	Dipsacus Fullonum or D. sylvestris	Fullers' teasel, Wild teasel.
Ysope	Hyssopus officinalis	Hyssop.

Figura 25

Le Menagier de Paris, 1393. In: Rollenhagen, G., *Nucleus Coloniae*, 1611. Fuente: CRISP, 1979, v.1, 42-43.

As plantas até então eram organizadas em jardins para cozinha (horta e temperos), jardins medicinais (herbolarium) e jardins para deleite ou 'pleasure garden'.

- **Traçados: alinhamentos, nós e paterres, labirintos**

- Alinhamentos

Os alinhamentos tradicionais – as árvores em alamedas, os canteiros, parterres, as proporções conhecidas e antropomórficas (medida do pé, da mão, plegada, etc.)

eram tidas como ideais. O jardim quadripartido em quadrados ou retângulos, com dois eixos que se cruzam no centro, tendo uma fonte, um templete ou algo marcando este centro, todavia segue sendo uma figura muito utilizada.

" ... *El hombre trata de imitar la acción del Creador a través de las leyes matemáticas de simetría y geometría. Es el camino más perfecto para llegar a una belleza eterna y universal.*

*La regla de oro, 'divina proporción' o sección aurea, desarrollada en una serie proporcional, conocida como la escala de Fibonacci, fue introducida en Europa, inspirada en textos árabes del siglo XIII. El hombre representa la unidad de definición espacial, como extensión de su propia anatomía. El dedo, el palmo, el pie, el codo, se convierten en medidas fundamentales.*

*Las ideas neoplatónicas que invaden el mundo del Renacimiento conducen a establecer un jardín geoméricamente estructurado. Todo está subordinado a este orden matemático que ha presidido también la concepción del edificio. 'La prevalencia de la forma, la estetización del concepto, el redescubrimiento de las leyes matemáticas y la adhesión a su universalidad son rasgos específicos del Renacimiento. La perfección es matemática. Es metro y medida, cantidad y referencia de cantidades donde deriva la armonía del conjunto. El modelo es divino y se verifica a través de las creaciones divinas como el hombre y el mundo'. (Alberti - De Re Aedificatoria)*

*En el diseñar de las plantas y constitución de los alzados de los edificios, y de donde más se ayuda, es de la geometría. Y de esta ciencia bebían todos, pintores, escultores, ingenieros y naturalmente también los tracistas de jardines. (...) Entender 'la razón' de la naturaleza, significa comprender 'la proporción' en los números, las medidas, los tiempos y los espacios. " (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 23-25)*





Figura 26

Chelsea Physic Garden, erigido em Londres em 1673, na borda do Tamisa, pela Sociedade dos Apotecários, com o objetivo de mostrar plantas medicinais. A imagem mostra onde dispor árvores e plantas, assim como oficinas, depósito, qual a espacialidade – distancias para as suculentas e exóticas. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 112.

#### ○ Traçados

Os eixos de simetria, as formas geométricas puras inscritas/circunscritas, a intercessão destas entre si (quadrados inscritos em círculos e vice-versa, círculos em octógonos), o retângulo aureo e suas subdivisões, atingiram seu ápice no Renascimento. Para ilustrar, apresenta-se o caso do Jardim do Palacio Real de Aranjuez <sup>14</sup>, ao sul de Madrid, todo erigido segundo estas proporções áureas.

<sup>14</sup> O Palácio de Aranjuez é um dos palácios reais da Espanha, situado ao sul da Província de Madrid, cujos jardins serviram de modelo para inúmeros outros jardins reais em torno de 1600, inclusive o de Friburgo no Recife.

Seu traçado tem o rio Tejo serpenteando a propriedade, eixos visuais, perspectivas propositalmente planejadas, alamedas com arborização dupla – uma linha de árvores de grande porte centrais, mais altas (onde passava a realeza), e uma linha de árvores mais baixas por fora (onde passavam os cavalos e a criadagem), formando uma hierarquia de circulação e espelhos d'água que eram acionados na hora do passeio real, e muitas vezes os surtidores em linha formavam túneis de água. Além das proporções áureas do traçado de todos os jardins que o envolvia: o Jardim do Rei, o Jardim da Rainha, o Jardim do Príncipe, como bem descreve Ana Luengo em sua Tese de Doutorado.



" Los jardines se presentan en tres formas principales: diseño trazado a ras del suelo, con parterres, flores y hierbas; trazado de poca altura, formado por setos bajos; recorrido hecho de muros vegetales en toda regla, con pasillos de árboles con tronco de altura superior a la de los paseantes. Los pasillos que se abren entre los árboles suelen estar tapados por abajo con arbustos de boj u otras plantas semejantes, al objeto de impedir cualquier tránsito fraudulento". (SANTARCANGELI, 2002, 274)

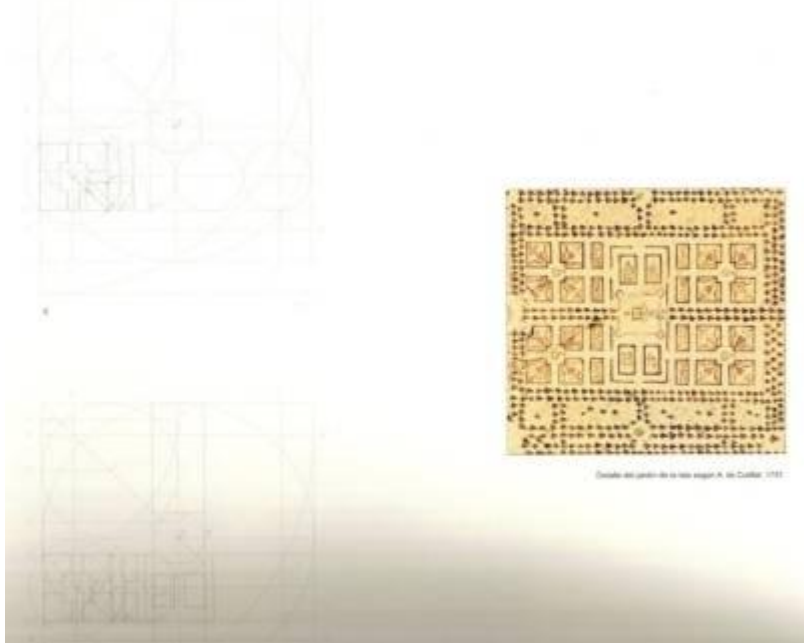


Figura 27

Concepção geométrica do traçado dos jardins de Aranjuez. Detalhe do jardim da ilha, segundo A. de Cuellar, 1737. Fonte: LUENGO & MILLARES, 2007, v.2, 95.

---

A ótica do Renascimento estava presente em seu conceito: "lo primero que se establecerá en Aranjuez es una ordenación del espacio y sus elementos siguiendo el orden ejemplificado en la Naturaleza, base de la armonía del Universo, que ha sido, desde la óptica cristiana, creado por Dios para el hombre ..."

Los triángulos rectángulos identificado por Platón como el fractal universal, pasarán a ser compañeros indiscutibles de los conocimientos cosmográficos... Los triángulos rectángulos delimitados por las avenidas arboladas se convierten en huertas que al estar divididas en superficies rectangulares homogéneas sirven para controlar la producción de unas y otras, de gran utilidad puesto que algunas de ellas estaban arrendadas, mientras que el trazado se descomponía en unidades menores que formaban fértiles campos de cultivo para adecuarse a la forma del territorio impuesto por los cambiantes meandros de los ríos; se fragmentaba incluso más mediante retículas interiores que permitía la plantación ordenada de distintas especies especialmente aconsejada con finalidades de experimentación científica; o delimitaba superficies mayores destinadas a la caza o a otros materias productivas del Real Sitio allí donde requerían." (LUENGO, 2008, 362-363)



Figura 28

Vista do Real Sitio, palácio e jardins de Aranjuez. Antonio Joli. Palácio Real, Nápoles. Posterior a 1762. Fonte: LUENGO & MILLARES, 2007, v.2, 23.



Figura 29

Jardim do castelo de Willebroeck. Jardim fechado, somente com um acesso a cada lado. Fonte: CRISP, 1979, v.1.

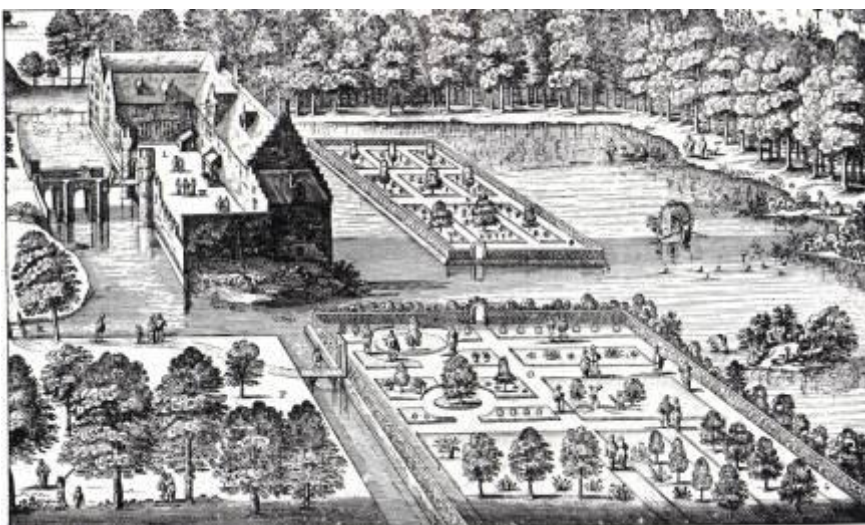


Figura 30

Castle of Wacquen em Flandres. 1560. O castelo e seus dois jardins são separados por água, e somente um é acessível por barco. Fonte: CRISP, 1979, v.1.



Figura 31  
Jardim com cerca de madeira e bancos com assento de grama, 1546. Fonte: CRISP, 1979, v.1.

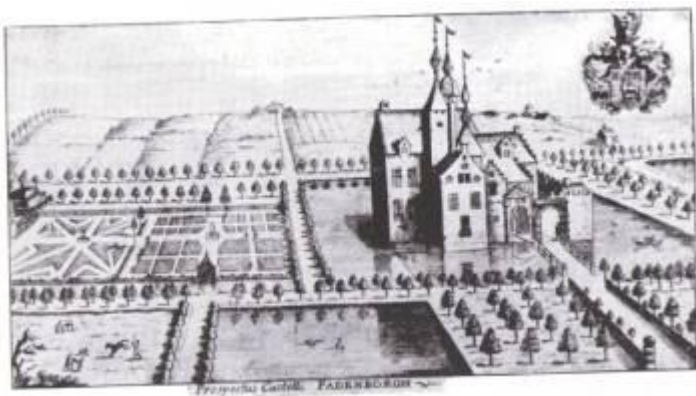


Figura 32  
Jardim do Chateau. Vista do castelo de Padenborgh. Fonte: CRISP, 1979, v.1.



Figura 33  
Galerías do Chateau de Liancourt na França, em 3 composições, tendo 7, 13 e 7 galerías lado a lado. Fonte: CRISP, 1979, v.1.

- **Nós e parterres**

Elemento de composição essencial em um jardim, os parterres podiam ser de varios tipos de desenho: geométricos, bordados (broderie), heráldicos, com desenhos de letras e animais, entre outros. Desenhos os mais variados, de composições muito ricas, as vezes limitados por septos nas bordas ou cerca de pouca altura, com pequenas árvores em vasos, com flores e/ou nós.

" *El jardín está sujeto a las leyes de la arquitectura y a la propia estructura del edificio, al que asegura continuidad, y desde el interior de la casa la vista se deleita con la proximidad del jardín. Esta interrelación se irá haciendo cada vez más profunda, los diseños de los parterres serán copias, **negativos** del diseño de los estucos de los techos de los salones, las grutas ocuparán las plantas bajas o los sótanos del palacio, las puertas de entrada se suprimirán, no existirán o se transformarán en rejas que harán esa relación más fluída y permeable. (...)*

*Los caminos entre los cuadros estaban tratados de diferentes maneras pues así como en Inglaterra o países nórdicos muy a menudo los caminos eran de hierba – césped- o gravilla, en el sur, donde el clima hacía más difícil su mantenimiento, se empleaban materiales más duros como el ladrillo.*

*Suelos y techos servían pues de base para inspirar diseños de jardines, lo que aseguraba además la relación interior-exterior, inspiración que podemos continuar viendo a lo largo de todo el siglo XVII e incluso bien entrado el siglo XVIII, cuando estos modelos no son ya puramente geométricos sino que corresponden a los arabescos del periodo tardorrenacentista y barroco.*

*Por otro lado, al no existir una clasificación científica de las plantas, el espacio se convierte en un elemento de identificación y diferenciación que permite establecer un orden y una jerarquía (así surgen los Jardines Botánicos – Padua, Leiden, Pisa, Bolonia, Mesina, etc.)." (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 18, 26)*

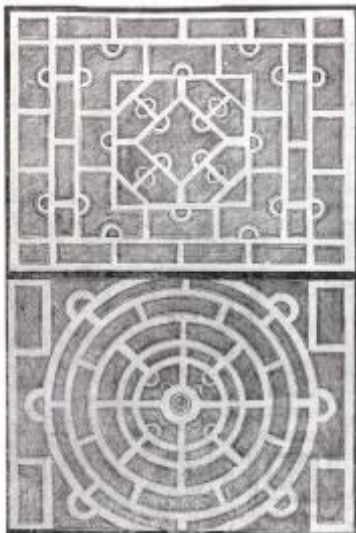


Figura 34

Desenho de Serlio para canteiros de flores geométricos (geometric flower-beds), publicado no quarto volume do de *Architettura Libri Quinque* em 1569. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 156.



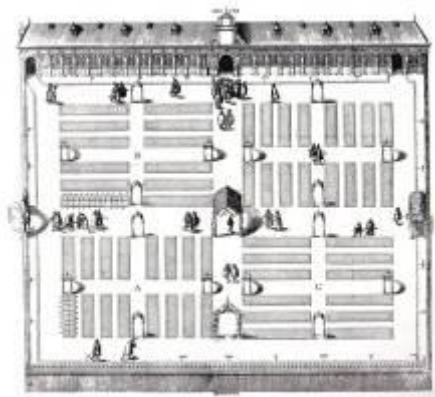


Figura 35

Carolus Clusius e o jardim botânico de Leiden. Em 1592 Clusius foi o Director do jardim botânico. O jardim estava dividido em quatro retângulos, interceptados por dois eixos/corredores. Cada retângulo estava dividido em duas áreas de plantio, contendo um número de canteiros, chamado em Latin de 'pulvilli'. Cada pulvilli - 40 x 31 metros, estava subdividido em números menores de unidades para diferentes famílias de plantas, cada comprimento da parcela era de 53 centímetros em seu lado mais estreito. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 125.

#### • Labirintos

O labirinto é uma figura controvertida, que todavia conquista muito espaço no Renascimento. Não só como elemento de peregrinação no interior das catedrais góticas, mas com toda força no exterior, nos jardins, surgido em diferentes traçados (quadrados, circulares), como elemento obrigatório em quase todo jardim. E vai tomando diversas variedades locais, como o 'labirinto do amor' na Itália, que aparece em um quadro de Tintoretto, até os labirintos franceses, de traçado mais elaborado, como os que são propostos para Versailles e Chantilly.

" ... En la célebre obra *Hortorum Viridiorumque formae* del holandés Jan Vredeman de Vries, publicada en Amberes en 1583, recoge muchos planos fantásticos de jardines y, con ellos, nueve proyectos de laberintos, a algunos de los cuales el autor asigna nombres como *La Roue*, *Ionica*, *Corinthia*, etc. Las figuras poseen gran elegancia, atestiguan una concepción completamente madura de la representación laberíntica trasladada al contexto de un jardín, brindando así un documento de primer orden sobre el modo en que la estilística de la época interpretaba el tema.(...)

Corren los años y el Barroco triunfante aumenta la suntuosidad de todas sus manifestaciones. El gusto escenográfico se impone por doquier, de las fachadas de las iglesias al vestuario teatral, de la vida cortesana a las solemnes procesiones, desplegándose como una serpiente infinita. (...) En el centro del laberinto - cuyo carácter místico se va reduciendo bastante, al menos en la superficie de la conciencia - hallan espacio los motivos más extraños y dísparos: un templete, un cenador de flores, una pequeña cúpula sobre columnas, un confidente; o bien figuras alegóricas, como un geniecillo alado.



*No hay tratado del arte de la jardinería de entonces que no contuviese la propuesta de uno o más laberintos. Son espléndidos los diseños de André Mollet – primer jardinero del rey de Suecia – que recoge en su *Le Jardin du Plaisir*, de 1651". (SANTARCANGELI, 2002, 272, 278, 282-283, 286)*



Figura 36

A figura do labirinto no jardim do Renascimento. Se desenvolveu como extensão do desenho dos canteiros de flores de Serlio (flower bed patterns). Exemplos podem ser vistos na Villa d'Este, Villa Lante e no Hortus Palatinus de 1618, assim como em muitos outros jardins. Esta imagem, uma pintura de Jacopo Tintoretto, Itália, mostra o 'labirinto do amor' - aleas concêntricas compostas por treliças sobre as quais se colocavam as plantas que simbolizavam fortuna e perda, gozo e sofrimento, atos que faziam parte da jornada da vida. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 143.



Figura 37

*Hortus Palatinus*, Heidelberg. Pintura de J. Fouquieres, 1613-1618. Apresenta cinco terraços, cada um dividido em pérgolas e áreas de parterres e um labirinto, numa mistura de estilos francês e italiano. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 156-157.

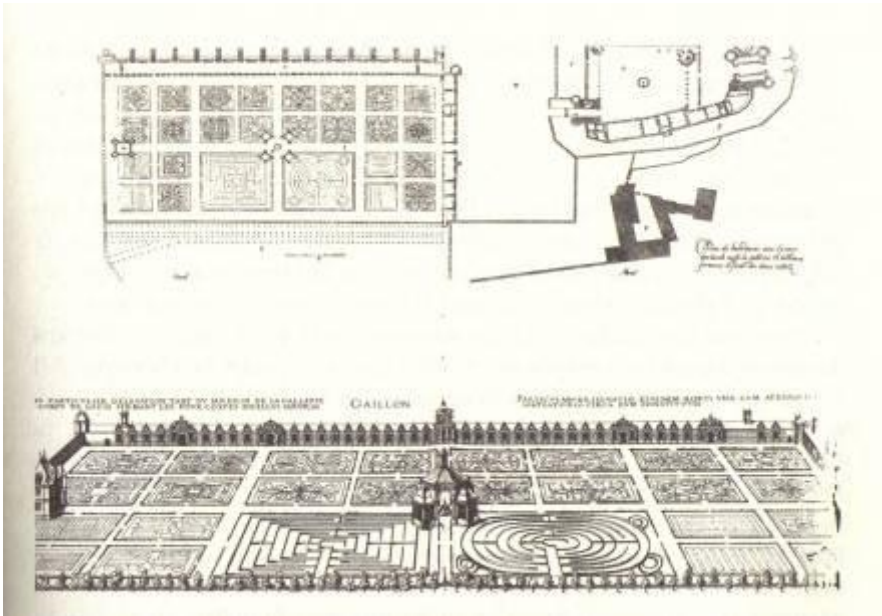


Figura 38

O Chateau de Gaillon. Androuet du Cerceau. Fachada. Detalhe. Les plus excellents batiments de France, 1576. Bibliotheque Municipale de Dijon. Fonte: BARIDON, 2005, v. 2, 361.



Figura 39

Vries, J. de. *Hortorum Viridiariorum*, 1583. Fonte: CRISP, 1979, v.1.



Figura 40

Jardim de G. J. Morosini em Padua (antes de 1714), sem esquecer o jardim de De Vries de 1583. Fonte: CRISP, 1979, v.1.



Figura 41

Labirinto da catedral de Chartres, França. Fonte: SANTARCANGELI, 2002, 239.

### Tratados paisagísticos conhecidos na época

"En Holanda, Vredeman de Vries, arquitecto, publica en 1606 un libro que marca la historia del jardín holandés. Su **Hortorum viridiarumque** revela un indudable parentesco con Androuet du Cerceau, sobre todo por el rigor geométrico de sus parterres. Teniendo en cuenta su suelo y su clima, Holanda tomó del jardín italiano los elementos que más le convenían: tendió, por ejemplo, siempre a privilegiar los juegos de tonos en el interior del jardín – macizos de flores, gravas de colores diferentes – porque la ausencia de relieve hacía que la relación con el paisaje fuese muy débil. En esta línea, algunos de los jardines de la época están cerrados por muros o empalizadas, pero su carácter renacentista se aprecia de inmediato en el hecho de estar muy arquitecturados." (BARIDON, 2005, v. 2, 364.)

"... Vries dibujó patios, emparrados, laberintos, así como hizo diferentes trabajos de ebanistería, celosías, puertas, escribió distintos libros de arquitectura y uno sobre parterres, grotescos, adornos y lazos, que tuvo dos ediciones, en 1555 y 1557. Trabaja como diseñador de jardines en Hamburgo, Dantzig, Amsterdã y la Haya, y también son obra suya los jardines del emperador Rodolfo en Praga. Su libro **Horto viridiorumque elegantes el multiplices formae, ad architectonicae artis norman affabre delineatae** apareció en Anvers en 1585 y se componía de veinte dibujos clasificados en tres grupos: dóricos – geometría y simetría, jónicos – círculos y arabescos, corintios – laberintos. Composiciones en las que destacan las formadas por parterres divididos geométricamente, fuentes de madera, abundancia de arte topiaria; detalles todos ellos ricamente tratados que convertían al jardín en un auténtico salón al aire libre.

El trazado de los jardines es todavía muy simple, el parterre y el huerto se colocan a cada lado de la avenida central, rodeados de setos. Las legumbres ocupan con frecuencia el lugar del 'parterre', el término se emplea para designar un área, formada por uno o varios cuadros; así como el de 'laberinto' correspondía a dibujos

entrelazados, compartimentos o cuadros de dibujos complicados, y con fondo coloreado, llamando 'dédalos' a los verdaderos laberintos.

Hay tres clases de compartimentos: uno sencillo, otro con cuadrados separados, el tercero más laberíntico. El trazado se efectúa a partir de una división en cuadrados cuyo número varía y que pueden incluir un óvalo, círculo o flor de lys, 'lazos de amor', leones rampantes o entrelazados curvos o rectilíneos en gran variedad, seguidos de largas explicaciones de realización técnica. Se siguen las reglas de Vitruvio 'proporción, disposición, simetría y utilidad'.

El diseño de bordados gana y entrelazados gana en variedad y elegancia, se hacen borduras de arbustos diversos, y plantas de diferentes colores, talladas de formas distintas, compartimentos, verduras, cintas, entredoses, moriscos, arabescos, grutescos, rosetas, glorias, targes, escudos de armas, cifras, divisas. Se emplean plantas raras, flores y hierbas plantadas con orden, haciendo praderas espesas, de uno o varios colores como alfombras. Se utilizan también en los caminos o sitios vacíos, arenas de colores diferentes." (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 34-35)

O **Sonho de Polifilo** é outro tratado muito conhecido, "publicado por primera vez en Venecia en 1499 por Aldo Manuzio, fue la referencia literaria más trascendente para la historia de la jardinería hasta incluso el siglo XX. En el primero volumen, el protagonista, Polifilo, hace un intricado viaje en sueños. En el segundo, enmarcado en el mismo sueño, su amada Polia cuenta su propia historia y la de sus amores." (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 31)

A arquitetura vai em direção ao jardim, buscando unidade e complementaridade. Começam as idéias urbanísticas com relação 'as vilas e sua integração com a paisagem circundante. Leon Batista Alberti em **De Re aedificatoria** trata das vilas, (...) "cuyas formas se asemejen a las que se dan en las casas, círculos, semicírculos o figuras del mismo tipo rodeadas de laureles, cipreses y enebros con árboles plantados en línea recta y podados para formar alineaciones regulares.

Además de lo que ya he dicho, háganse bellos vergeles plantados de los mejores árboles que se puedan encontrar y, a todo alrededor, bellos pórticos para recrearse al sol o a la sombra. Y no hay que olvidar un gran prado placentero y deleitoso, ni que el agua resuene en diversos lugares en los que quienes a ellos llegan jamás hubiesen pensado que la hubiera.

Los paseos serán anchos y sombreados por arbustos de verdor perenne, pero haz un seto de boj en un lugar protegido, ya que, si está demasiado al abierto, el aire libre y la humedad del mar lo resecan (...)

Habrà lugares para el retiro, circulares, semicirculares y cuadrados, y de todas las clases que hemos mencionado al hablar de las plantas de los edificios, y se los cubrirá de ramas de laurel, de limoneros y de enebro entrelazados e incluso arqueados en forma de cenador.

(...) los árboles estarán dispuestos en línea recta, plantados a igual distancia y con los ángulos en el orden que se conoce como de tresbolillo". (BARIDON, 2005, v. 2, 339, 368-369)

Existem ainda outros tratados que vão nortear os jardins dos 1600, que apresentavam sugestões de como preparar e arar o solo, como semear, como aguar.

"La **Naturalis Historia** de Plinio, será otro de los pilares en las que se apoya la botánica de toda la Edad Media y renacentista, y aunque sus 37 libros no permiten su vulgarización por el elevado coste, su influencia es enorme entre los eruditos.



En 1557 aparece la primera edición en holandés del **Crujide boeck** de Rembert Dodoens que contiene la descripción de 1.060 plantas, con 715 ilustraciones. En menos de un siglo se harán trece ediciones en holandés, francés, inglés y latín, añadiendo nuevas palabras a cada edición. Aunque sin dejar de ser herbario- al uso de la época – esta obra es un testigo importante de la introducción de nuevas plantas en Europa y a través de sus sucesivas ediciones vemos su evolución con fines medicinales u ornamentales hasta su transformación en las floras modernas, las primeras obras de botánica científica. (...)

En 1600 aparece la obra **Theatre d'agriculture** de Olivier Serres, y en 1675 alcanzará las diecinueve ediciones. En el distingue cuatro clases: el huerto, el jardín de flores o bouquetier, el medicinal y el de árboles frutales. El jardín de flores está compuesto, por toda clase de plantas, huertas, flores, arbustos en cuadros o parterres, con cenadores y pérgolas, según la fantasía de los señores, para el recreo más que para el provecho.

Así, poco a poco va se estableciendo una diferencia entre la huerta e el jardín, y señala las plantas más adecuadas para cada sitio y sus cuidados esenciales". (LUENGO Y MILARES, 2007, v.2, 32-33, 35)



Figura 42

Capa do *Horti Medici*, o marchand Jan Commelin no centro. Catálogo do Amsterdam Physic Garden, que listava muitas das novas plantas introduzidas pela Companhia das Índias Orientais. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 125.

## 2.5. O Jardim de Friburgo: elementos componentes, espécies – jardim e palácio, uma unidade

A integração entre palácio e jardim era tanta que é impossível encontrar relatos de um sem falar no outro. Uma unidade que ultrapassava a unidade espacial, era acima de tudo científica, pois todo o universo de espécies animais e vegetais e de experimentos a serem estudados nas salas do palácio (que serviam também de laboratório), estavam ali a poucos metros de distância, e podiam ser visitados, colhidos e observados em qualquer dia e horário. E a oportunidade foi aproveitada em todos os sentidos.

"... tendo adquirido em 1639 o terreno onde construiu Vrijburg, Nassau teria talvez iniciado logo a construção do palácio – que levaria três anos em construção – e

*juntamente a plantação do seu grande parque. Deste, o momento mais importante teria sido, sem dúvida, o em que realizou a transplantação de coqueiros em pleno desenvolvimento, fazendo-os arrancar a três ou quatro milhas de distância, com cuidado, e transportar em chatas para Antônio Vaz, com a ajuda de trezentos homens. (...)*

*"...Pôs Nassau neste jardim **dois mil coqueiros**, trazendo-os de outros lugares, porque os pedia aos moradores e os mandava trazer em carros, e fez deles umas **carreiras compridas e vistosas, a modo da alameda de Aranjuez** e por outras partes muitos parrerais e taboleiros de hortaliças e de flores, com algumas casas de jogos e entretenimentos, onde se iam as damas e seus afeiçoados a passar as sextas no verão, e a ter regalos, e fazer suas merendas e beberetes, como se usa na Holanda, com seus acordes instrumentos; e o gosto do Príncipe era que todos fossem ver suas curiosidades, e ele mesmo por regalo as andava mostrando, e para viver com mais alegria deixou as casas onde morava e se mudou para o seu jardim com a maior parte de seus criados. Também para ali trazia todas as castas de aves e animais que pode achar, e como os moradores da terra lhe conhecem a condição e o apetite, cada um lhe trazia a ave, ou animal esquisito, que podia achar no sertão; ali havia os papagaios, as araras, os jacis, os canindés, os jaburus, os motuns, as galinhas de guiné, os patos, os cisnes, os pavões, os perus e galinhas em grande número, tantos pombos que não se podia contar; ali tinham os tigres, a onça, a suassarana, o tamanduá, o bugio, o quati, o sagüim, o preá, as cabras do Cabo Verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paca, a anta, o porco javali, grande multidão de coelhos, e finalmente não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores lhe mandavam de boa vontade, por a inclinação que viam de os favorecer, e assim também lhe ajudavam a fazer as duas casas, assim esta do jardim onde morava, como a da Boa Vista sobre o Capibaribe, onde ia muitos dias passeando a se recrear, porque lhe mandavam a madeira, outros a telha, outros o tijolo, outros a cal e finalmente todos o ajudaram no que puderam; e ele se mostrava agradecido e favorecia de sorte aos portugueses, que lhe pareciam que tinham nele um pai, e lhe aliviava muito a tristeza e a dor de se verem cativos". (descrição contida em SILVA, 2005, 112)*

*Mas não somente coqueiros foram plantados no parque de Vrijburg. Barléu faz a relação: 252 laranjeiras além de 600, que, reunidas graciosamente umas 'as outras, serviam de cerca, 58 limoeiros de frutos grandes, 80 pés de limões doces, 80 romãzeiras e 66 figueiras e árvores da terra: mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras, cabaceiras, cajueiros, ubaias, palmeiras, pitangueiras, bananeiras, tamarineiras, etc. O próprio Nassau comprazia-se 'nesta rusticação, entregando-se 'a contemplação da natureza'. Havia ainda grande número de animais e aves em todo aquele parque, vindos de quase todo o Brasil e África. Aí seria o centro de estudo de historia natural de George Marcgrave, e que compõem a obra clássica *Historia Naturalis Brasiliae*. (...)*

*E não só um centro de estudo, mas um centro mundano e artístico 'com algumas casas de jogos e entretenimentos, adonde iam as damas e seus afeiçoados a passar as festas no verão e a ter seus regalos e fazer suas merendas e beberetes, como se usa na Holanda, com seus acordes instrumentos' e 'o gosto do Príncipe era que todos fossem ver suas curiosidades e ele mesmo por regalo as andava mostrando'.*

*Em Vrijburg verifica-se que de um lado e do outro do palácio estavam situadas as plantações de legumes, uvas, laranjas, limões, etc, tendo do lado oposto ao forte Ernesto a casa do hortelão e entre o forte e Vrijburg o estábulo – com 24 animais – um*

*pombal, uma enorme senzala – hospítio negritarium – uma olaria, uma grande cacimba e um local para estender roupa lavada – campus siccandis linteis. Ao fundo grandes viveiros de peixes, uma plantação de bananeiras e o galinheiro. Para o trato e administração de todos esses serviços havia uma multidão de empregados: 18 escravos, 10 turcos, 3 jardineiros, dois cozinheiros, a governanta e sua filha, um índio tupi do Maranhão e o pessoal das cavalariaças. Fora 10 estribeiros, 6 marinheiros da barca do conde, dois trombeteiros e o pessoal da guarda de palácio”.* (MENEZES, 2001, 108-110)

Quanto às espécies, suas localizações e associações no jardim, Barléu documenta em planta, além de descrever em seu célebre livro as novas espécies locais incorporadas e para que serviam. As notas de rodapé aqui apresentadas compõem o apêndice de seu livro, escrito posteriormente quando se traduziu do latim para o português. Mas servem para nos esclarecer vários pontos.

“Já foram levados para o Brasil melões, pepinos, granadas, figos, produzindo estes duas e três vezes ao ano, sendo também a região abundante de várias frutas medicinais, de arroz, milho e muitas sortes de legumes.

As árvores mais notáveis próprias da terra são: a **copaíba**<sup>15</sup>, de cuja casca, cortada durante o estio, mana um líquido de cheiro suavíssimo, a modo de bálsamo, o qual tem a maravilhosa propriedade de curar as feridas e tirar as cicatrizes. Vêem-se estas plantas esfoladas pelo atrito dos animais, que, ofendidos pelas cobras, procuram instintivamente este remédio da natureza.

A **cabureiba**<sup>16</sup> verte também fragrantíssimo bálsamo. A **icicariba**<sup>17</sup>, que dá a goma elemi; a **itaíba**<sup>18</sup>, cuja resina é chamada anime pelos portugueses, de cheiro muito agradável e de grande utilidade; o **andá**<sup>19</sup> que produz castanhas catárticas; a **mucuitaíba**<sup>20</sup>, em português **pau santo**; **anhuibapepijá**<sup>21</sup>, sassafrás; **caju**

<sup>15</sup> **Copaíba** – corrupção de *cupa-yba* = a árvore de depósito ou que tem jazida, em alusão à propriedade que tem o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico. Variantes: *copaíva, copaúva, cupaí, cupaíba* (*Copaifera officinalis*).

<sup>16</sup> Variantes: *cabureúba, cabureúva, cabreúva, cabriúva*. Corrupção de *caburé* = coruja + *yba* = árvore, isto é, árvore do *caburé* (*Myrocarpus frondosus*). A resina que estila da casca tem o nome de *cabureica*.

<sup>17</sup> **Icicaíba** = *ycyca* + *yba*, isto é, árvore da resina. É a almecegueira do Brasil (*Protium brasiliense*). Eng., família das *Burseráceas*. Variantes: *icicariba, igcigca, icica*.

<sup>18</sup> **Itaíba** = *ita* + *iba*, árvore de ferro, o pau ferro. Variantes: *tagiba, itaúba, itaúva, Hymenae*, planta leguminosa da América tropical, muito dura, exsudando uma resina do tronco e atingindo grandes dimensões.

<sup>19</sup> Corruptela de *a-ndá*, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura. Chama-se também *purga dos Paulistas*. É a *joannesia princeps*, euforbiácea, aparentada com a Jatrofa. A casca dá um suco leitoso muito tóxico e usado, segundo dizem, para tontear peixes. As sementes são purgativas e fornecem o óleo de andá. Árvore formosa, de madeira útil para tudo e produtora de um óleo de que se servem os índios para pintarem o cabelo, curarem feridas e tingirem o corpo.

<sup>20</sup> **Mucetayba**, nome indígena do pau-santo, leguminosa da sub-família das *Caesalpináceas* (*Zoolernia paraensis* de Huber).

<sup>21</sup> Gênero de árvores da ordem das *Lauríneas*, tribu das *Perseáceas*. *Ocotea opifera*.

**catinga**<sup>22</sup> ou *cedro brasileiro*; o **acaju**<sup>23</sup>, a primeira árvore frutífera do Brasil: o **jenipapo**<sup>24</sup>, com cujo suco se pintam os naturais. Acrescenta-se a **mandioca**, da qual já se fez menção acima, e além disso, as árvores chamadas **sapucaias**<sup>25</sup>, em extremo altas. Produzem uns cálices duríssimos semelhantes a uma caixa, com a boca voltada para a terra e cobertos com uma tampa por maravilhoso artifício da natureza. Neles se contem castanhas de bom sabor. Quando elas estão maduras, abrindo-se a tampa, caem e ministram alimento aos ávidos mortais. Seria, porém, longo enumerar estas e outras produções do Brasil” (BARLÉU, 1974, 141)

Após seu retorno à Holanda, estando já em sua residência cerca de Cleve, o príncipe escreve uma Memória, presente ao final do livro do historiador José Antonio Gonsalves de Mello – *Tempo dos Flamengos*, contando em detalhes essa experiência botânica em Friburgo. Como transplantou as centenas de coqueiros adultos (de 40 pés de altura, cerca de 15 metros), vindos em chatas e replantados sem morrer nenhum, não usando covas individuais e sim valas coletivas longitudinais, que a distância entre as árvores de grande porte era de 20 pés geométricos (cerca de 7,40 metros), e entre elas se plantava três árvores menores. A colheita era de 3 a 4 vezes por ano, que cresciam em poucos meses o que se levava um ano e meio nos Países Baixos. Que se podia plantar não só no outono, mas em qualquer época do ano, devido ao clima. Como podar, como usar o esterco, cuidados técnicos enfim, muito interessante. E por suas palavras afirmado que muito do que conseguiram foi fruto de muita observação e determinação.

## 2.6. O jardim de Nassau em Haya, Holanda, em 1622

Antes de aceitar a proposta de viver no Brasil (via Companhia das Índias Ocidentais), Nassau já era uma pessoa conhecida na Holanda, nos meios calvinistas da época. Este seu jardim em Haya, Holanda, estava em andamento quando foi viver no Novo Mundo. E um dos motivos de sua ida foi tentar juntar dinheiro para concluí-lo.

" *Es el caso del Jardín de Mauricio de Nassau en la Haya, cuya estructura debe mucho tanto a las teorías del sabino Stevin, amigo del príncipe, urbanista e ingeniero militar,*

---

<sup>22</sup> A forma comum do vocábulo é **acaiaacatinga**, composto de *acaicá* + *tinga* = cedro branco. Em S. Paulo altera-se para *caiatinga* (*Cedrela fissilis*). Árvore comum da floresta tropical, família das meliáceas.

<sup>23</sup> **Acajú** = *acã* + *yú* = o fruto amarelo, cajú (*Anacardium occidentale* de Lineu, família das Anacardiáceas).

<sup>24</sup> **Jenipapo** (*ianipaba* em Barléu), significa, em tupi, fruto de esfregar ou que serve para pintar (*nhadi* + *pab* ou *jandipab*). Se decompõe em *yandi* + *ipab* = 'fruto das extremidades que dá suco'. O termo *yandi* ou *nhandi* exprime suco, óleo, o que reçuma; e o final *ipab* é o composto de *ibá-pab*, contracto em *i-pab*, que se traduz - fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantas as extremidades dos seus galhos. É o *Genipa americana* de Lineu (Rubiáceas).

<sup>25</sup> *Zabucales, zabucaes, sasapocaias, sabucaí, jaçapucaya*. Gênero *Lecythis*, tribu das Lecitidáceas (Mirtáceas). O nome tupi compõe-se de *ya*, fruto de árvore, *eça puçá i*, que tem saltamento do olho. Produz esta árvore sementes oleaginosas e comestíveis e boa madeira, principalmente para construções navais. (BARLEU, 1974, 385-386)

como a Alberti. En este ejemplo podemos comprobar como la Reforma no impedía que la influencia italiana se manifestase en la arquitectura.

Lo mismo ocurre en Alemania. El elector palatino, Federico V, que, como Mauricio de Nassau, era partidario de la Reforma, encargó al hugonete Salomon de Caus la creación de jardines en Heidelberg. Dichos jardines no llegaron a terminarse, pero la documentación sobre los mismos que poseemos, así como los vestigios que todavía hoy pueden verse, testimonian su estrecho parentesco con el jardín del Renacimiento italiano: misma cuadratura netamente recortada, mismos ornamentos manieristas (en particular las grutas), misma vistas sobre la campiña circundante, mismas máquinas y juegos de agua. Todo induce a pensar que las vías de la Reforma diferían según se tratase de jardines o de lugares de culto: mientras que estos últimos era despojados de las pinturas, estatuas y ornamentos que la Iglesia católica siempre había colocado en ellos – y seguía colocando cada vez más después del Concilio de Trento – los primeros, considerados como refugios de la felicidad doméstica, gozaban de un mayor favor. Si hubo austeridad, fue en las estatuas, pero no en los parterres o en los compartimientos, que desplegaron sus estructuras geométricas con una serenidad igual en los dos campos que dividían Europa.

Los jardines de Mauricio de Nassau y los de Claude Mollet se sitúan en el umbral de la época barroca. Sin embargo, es natural que recordemos a su respecto el nombre de Alberti, nacido casi dos siglos antes. Durante todo este período, y en el siglo siguiente, la geometrización de la imagen de la naturaleza da al jardín regular lo esencial de sus formas. Todo deriva de ello: la poda de la vegetación, la circulación del agua, la disposición en terrazas, la relación con el paisaje. " (BARIDON, 2005, v. 2., 364-366)

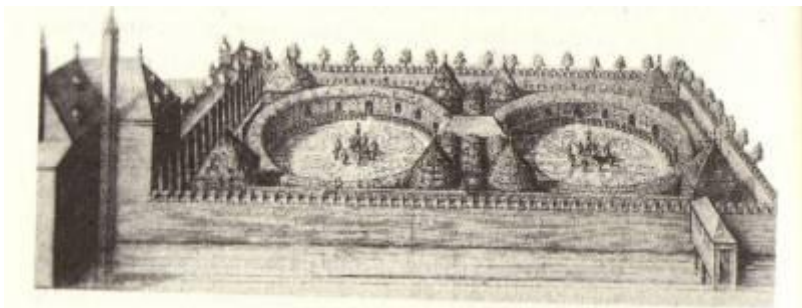


Figura 43

O jardim de Mauricio de Nassau em Haya. Gravado de H. Hondius, Instituto Artis Perspectivae, 1622. Fonte: BARIDON, 2005, v. 2, 366.

Nesta imagem, o jardim aparece fechado por pesados e altos muros, baluartes, com duas construções circulares em seu interior, e 8 gabinetes nas esquinas (4 em cada quadrado circunscrito nas duas circunferências).



### 2.7. Outros exemplos de jardins na franja do Barroco

Seguem outros exemplos de jardins do início do Barroco, onde é perceptível a diferença: os mesmos ingredientes – espelhos de água, broderies, eixos, só que sob um desenho de traçado rigoroso, espaçamento e alinhamentos cujo resultado é uma dominação absoluta do cenário. As avenidas em radial, o edifício como ponto focal, o olhar perfeito.



Figura 44

Hampton Court e seus alinhamentos radiais de árvores (cítricas – lime trees), importadas da Holanda. Introduzidas por Charles II depois da Restauração de 1660. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 189.

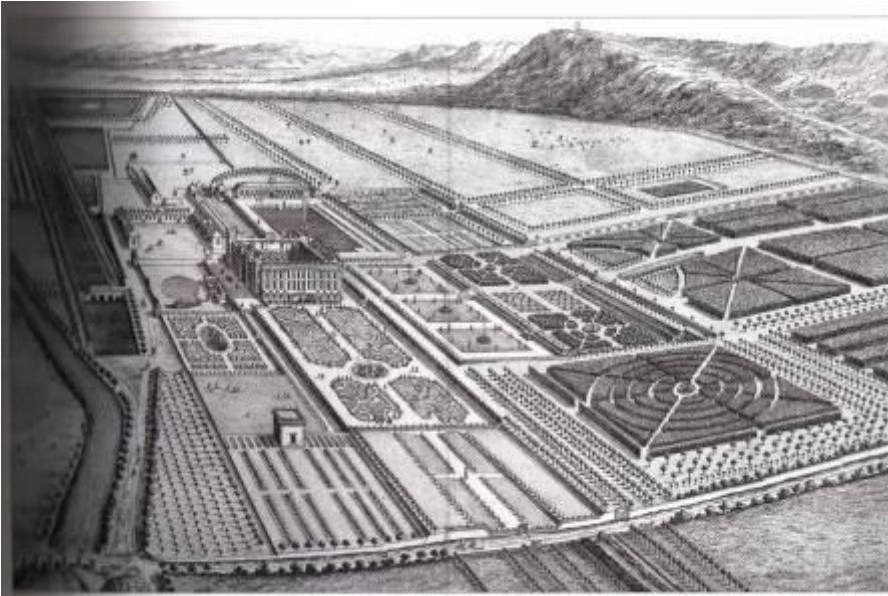


Figura 45

Jardins de Chatsworth, Inglaterra, erigido entre 1687-1706. Gravado de 1707, lay out de Kip & Kniff. Remodelado no estilo francês no século XVIII. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 135.



Figura 46

*Li Giardini de Roma*, publicado em 1683, Giovanni Battista Falda. Vista em perspectiva da montanha de Quirinale. Alameda de Ciprestes e jardins em quadrados, com bordadura. Fonte: HOBHOUSE, 1992, 145.

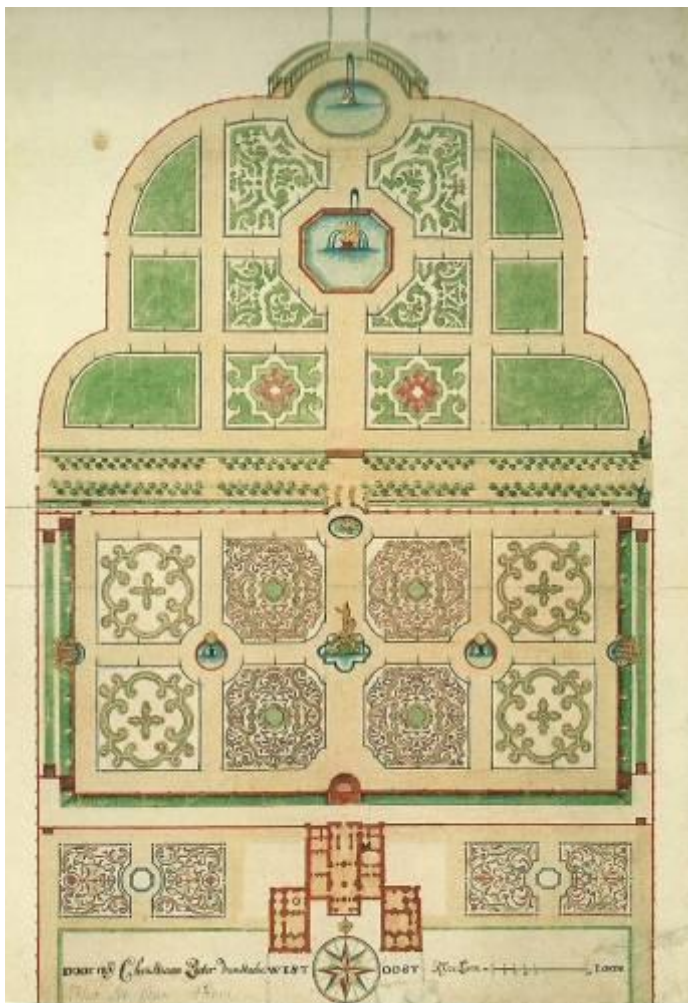


Figura 47

Planta baixa do palácio e jardins de Het Loo, Holanda, fim do século XVII. Fonte: LUENGO & MILLARES, 2007, v.2, 23.

### 3. PRAÇA DA REPÚBLICA – suas etapas

Antes de retornar a Holanda, o prudente conde havia desocupado o palácio com antecedência das raridades e das riquezas (pinturas, móveis nobres, tapeçarias), levando tudo consigo.

Os batavos ficaram com uma espécie de loucura de destruição, com medo de que os restauradores pernambucanos pudessem se alojar entre as casas da cidade Maurícia, para aos poucos ir cortando as comunicações da cidade com o Forte Ernesto. Demolidos sim, haviam sido somente os pavilhões do jardim, os estábulos e cortadas algumas árvores que pudessem dificultar as ações de defesa.

Expulsos os holandeses em 1654, o Palácio das Torres não estava em condições de ser habitado, pois tinha sido utilizado, naqueles anos de lutas, como quartel. Os futuros governadores e capitães-generais de Pernambuco passam a residir e despachar em Olinda. E depois alternam-se entre Recife e Olinda. Até que por volta de 1770 segue sendo no Recife.

*“Em 1782, a residência do governador havia sido mudada para o Colégio dos Jesuítas (próximo a atual praça 17 e hoje desaparecido), por se encontrar o Palácio de Friburgo muito necessitado de grandes e indispensáveis reparos, assim como pela deteriorização da envelhecida madeira, como de haver caído algumas vigas e outras estivessem quase minadas de um inseto a que este país dão o nome de cupim, o que causa facilmente a ruína dos edifícios”.* (GUERRA, 1966,41).

O fato é que o velho Friburgo passa de palácio a quartel, e logo é abandonado. Seu jardim segue totalmente desfigurado. Quase 200 anos depois da saída dos holandeses, já saqueado e em parte destruído, o palácio foi demolido e foi construída a casa do Erário público, aproveitando-se parte de suas fundações e algumas paredes. A praça constituía um grande espaço vazio.

Até que por volta de 1840 se ergue um novo Palácio para o Governador (cuja sede se alternava entre Recife e Olinda neste intervalo), aproveitando-se parte da Casa do Erário, agora voltado para a praça a sua frente. Houve sugestões para se construir o edifício da Assembléia Legislativa em torno desta praça, mas este vai ser erguido mais atrás, na outra margem do rio Capibaribe.

A praça começava a ajardinar-se, como parte de um embelezamento urbano do século XIX, em cujo entorno imediato foi construído o Teatro de Santa Isabel e o Palácio da Justiça. Passa a chamar-se Praça da República, ou Praça do Campo das Princesas. Constitui-se de três partes, tendo um espelho d'água na parte central, várias estátuas, um busto de Nassau em frente ao Palácio do Governador atual. Posteriormente passa por várias reformas, inclusive uma do paisagista Burle Marx na década de 1930, a qual nos chega até hoje, com algumas intervenções posteriores.

*“ A idéia da construção de um novo palácio para os governadores no local do velho Friburgo, e aproveitando-se do antigo o que pudesse, vem do tempo do governador José Cesar de Meneses. Aquele capitão general quis levantar um novo palácio e não o fez por não convir ao Ministério. Todavia chegara a ordenar ao engenheiro Antonio Mendes Adler que preparasse um projeto, que traz a data de 1784.*

*Somente em 1841, no Governo de Francisco do Rego Barros, futuro Conde da Boa Vista, foi que o engenheiro coronel Moraes Ancora, baseando-se no projeto de Adler, apresentou outro dentro de quase toda a urdidura arquitetônica daquele, mas com*



*sensíveis mudanças, sobre o qual foi levantado um novo palácio para os governadores de Pernambuco.*

*Era de dois pisos (um térreo e outro superior), tinha uma porta larga ao centro ladeada por outras quatro mais pequenas, na fachada principal, sendo todo rodeado de janelas e orientado agora o edifício totalmente para a parte leste-sul da cidade, perdendo a visão do Oriente.*

*Foi erguido onde pouco tempo antes havia sido levantado o Erário, este sobre algumas fundações e aproveitando até algumas paredes do original Palácio das Torres ...*

*Até meados de 1858 o Largo do Palácio ainda apresentava uma visão quase que de abandono, oferecendo de importante apenas os edifícios do Palácio Presidencial e o Teatro Santa Isabel. O mar seguia banhando suas proximidades, do lado do oriente onde atracavam até algumas embarcações.*

*Somente em fins do ano seguinte é que se modificou de certo modo o aspecto geral, com algumas inovações na fachada do palácio, inclusive alguma melhora nas varandas das janelas de frente, e aterro e nivelamento do terreno fronteiriço, aumentando consideravelmente o espaço aproveitável, onde se chegou a plantar vários arvoredos ornamentais. (...)*

*Em fins de 1859 o Recife recebeu a visita do Imperador D. Pedro II e sua esposa a Imperatriz Dona Tereza Cristina, além de uma grande comitiva de fidalgos e altas autoridades da corte. Por essa época foi chamado o parque fronteiriço ao palácio (o antigo Campo da Honra), de Largo do Paço, mas que perdeu logo a expressão ante a vontade popular, que passou espontaneamente a chamá-lo de Campo das Princesas, numa homenagem 'as filhas dos Imperadores do Brasil. (...)*

*Ao mesmo tempo, os pequenos blocos que se levantavam na retaguarda foram demolidos, para ajardinamento e abertura de um pequeno parque-jardim, construindo-se novos pavimentos aos lados do palácio principal, para uso das secretarias de Estado, e tomando todo o conjunto arquitetural o aspecto que ainda hoje existe". (GUERRA, 1966, 45-47, 53)*



Figura 48

Campo das Princesas e Palácio do Governo por volta de 1850. O palácio foi erigido em 1841, segundo uma planta de Moraes Ancora, aproveitando uma planta antiga de Mendes Adler, o velho edifício do Erário, levantado sobre algumas fundações e paredes do desaparecido Palácio das Torres. O Campo, da Honra e depois das Princesas, todavia não tinha sido ajardinado, o que só ocorreu em 1872. Fonte: GUERRA, 1966, s/p.





Figura 49

O mesmo palacio visto de outro ângulo: do lado da velha ponte Buarque de Macedo, ainda erigida em madeira, para passagem somente de pedestres. Fuente: GUERRA, 1966, s/p.

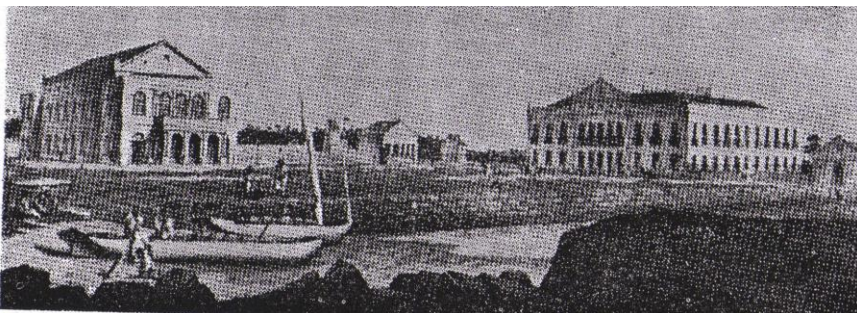


Figura 50

Palacio do Governo em fins de 1858 e o Campo das Princesas, donde se vê também o Teatro de Santa Isabel, erigido por Vauthier e inaugurado em 1850. Se percebe que o molhe estava bem perto e ali atracavam velhas embarcações que serviam para o transporte fluvial de passageiros, dos subúrbios do Recife. Fonte: GUERRA, 1966, s/p.

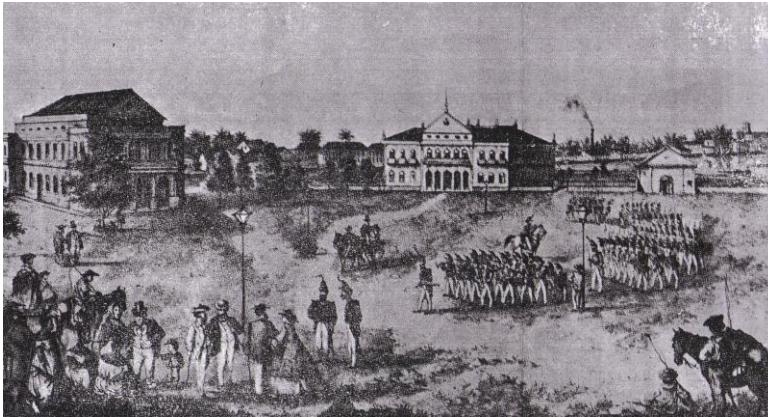


Figura 51

Campo das Princesas e o Palacio do Governo em fins de 1859. Raro gravado de Schlappriz, litografada por F. H. Carls, oferecendo uma visão completa do local, incluindo a presença de vários tipos humanos e seus trajes militares. Fonte: GUERRA, 1966, s/p.



Figura 52

Praça da República em fins do século XIX, já com ajardinamento e suas oito estátuas de divindades clássicas greco-romanas: Ceres, Diana, Flora, Juno, Minerva, Niobe, Vesta e Temis. Fonte: Praça da República. Arquivo on-line Fundaj. <Http://www.fundaj.gov.br>

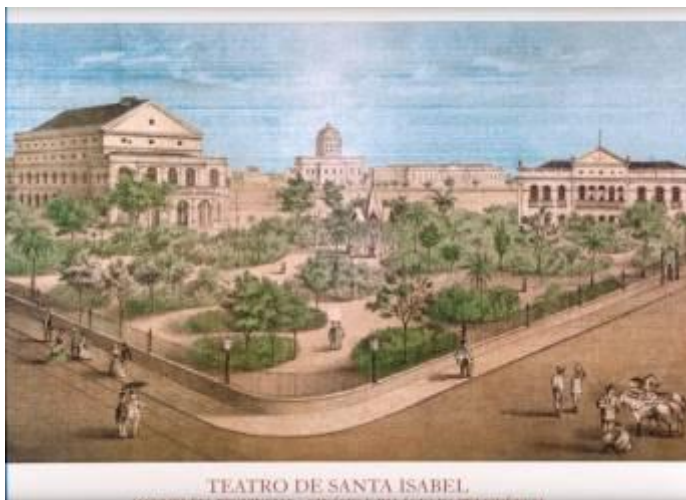


Figura 53

Praça da República, Palacio do Governo e Teatro de Santa Isabel em primeiro plano. Ao fundo Assembléia Legislativa de PE, na outra margem do rio. Fonte: CARLS, F. H. Album de Pernambuco e seus arrabaldes, 1878. Recife: Secretaria da Casa Civil, Governo do Estado, 2007.



Figura 54

Busto de Mauricio de Nassau presente na Praça da República, olhando para o Palacio do Governo atual. Foto: Sandra Leão, 2008.



Figura 55

Vista aérea da Praça da República atual. Fonte: Arquivo on-line da Prefeitura Municipal de Recife. [Http://www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br)



Figura 56

Praça da República, desenho atual. Fonte: SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 2000, 77, e Unibase nos 90/38:05 e 90/28:05 (FIDEM).

Dados: área – 20.336,44m<sup>2</sup>; Projetos identificados: Parque de Friburgo – Pieter Post (1637-42), William Martineau (1860), Praça e Campo das Princesas – Emilio Beringer (1875), autor não identificado (1918), Praça da República – Roberto Burle Marx (1936). Reforma: Elba Souto, Lucia Veras, Liana Mesquita, Martha Domingues Ferraz, Jose Nilson Andrade (1999). Fonte: SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 2000, 77.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"... os europeus conhecem nossa paisagem no século XVI a partir dos relatos dos viajantes, das espécies vegetais, animais e humanos que forma enviados, principalmente da costa nordestina, para a satisfação e curiosidade das cortes européias. Na visão do estrangeiro, o novo mundo era um ambiente que misturava homem e natureza de uma forma completamente nova. O testemunho visual desta paisagem ficou impressa em imagens e mapas da época. As informações eram confusas, próxima da extravagância, da fantasia, quando não, suposições sem bases fundamentadas. Entretanto, este contato já foi o primeiro na direção a uma fusão cultural transatlântica, cujos resultados serão sentidos alguns séculos mais tarde.*

*No século XVII, a representação e a organização desta paisagem se desenvolverá em consequência da ocupação definitiva do território português ultramarino, são estabelecidas as capitânicas, as fortalezas e vilas. (...) O plano urbanístico de 1639, para a Ilha de Antonio Vaz, é de traçado geométrico regular, ao gosto renascentista, faz surgir equipamentos urbanos muito complexos (canais, palácios, fortes, fosso, mercados, muralhas, jardim zoológico, jardim botânico, uma ponte, observatório astronômico), que superavam os do plano de Salvador, fundada em 1549, então capital administrativa da colônia portuguesa. Daqueles tempos restaram poucos vestígios materiais, a cidade foi expandida do istmo para o continente, permaneceu o traçado de algumas ruas do bairro de São José, herdamos algumas espécies vegetais transplantadas, podemos apreciar desenhos, pinturas, e sobretudo, consolidou o hábito de misturar as várias fontes culturais.*

*Terminada a Guerra da Restauração Pernambucana, os holandeses se foram. A cidade, praticamente destruída pela guerra, foi reconstruída fora dos antigos limites fortificados de madeira e pedra. Seu traçado resultou da conjugação de aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos, administrativos, de defesa e da particular geografia do istmo e da planície entre o rio e o mar. Na nossa cidade barroca as ruas não eram planejadas obsessivamente e disso resultou uma malha, uma escala orgânica e a equívoca impressão de que o traçado surgiu 'a vontade', quando na verdade foi a medida em que se conquistavam as terras que afluíam a baixa mar (...)"*. (CRUZ, Claudio. Recife – o uso e a forma do espaço livre. [Http://salu.org.br/argbr/servlet/newstorm.nottitia.apresentacao](http://salu.org.br/argbr/servlet/newstorm.nottitia.apresentacao))

Descrição poética de influências no traçado urbano dos bairros de Santo Antônio e São José, esclarecendo a junção de culturas em que se deu a formação urbana central do Recife.

Sobreposicionando o mapa da Cidade Maurícia ao do bairro de Santo Antonio e São José do início do século XX (figuras 61A e 61B), percebe-se que a morfologia, o dimensionamento e o traçado de algumas ruas e quadras ainda permanecem as mesmas, assim como algumas praças e espaços livres, como a Praça da República, local em parte do antigo Jardim Real de Friburgo. Percebe-se ademais que o posicionamento físico do Palácio de Friburgo em relação 'a praça atual e ao Palácio do governador, estaria quase fronteiroço ou até coincidindo algumas de suas paredes com o palácio atual – este apenas girado em 90 graus, o que condiz com as descrições históricas (de terem aproveitado parte de suas paredes e fundações). Porém os grandes eixos arborizados duplamente desaparecidos, assim como os viveiros e canais de água ligando o rio a parte interna, que era um dos pontos fortes deste cenário.



Concepção avançada na época e totalmente perdida, a de aproveitar em projeto as oscilações de marés em canais de água ao ar livre. Contudo o local segue sendo o maior espaço aberto e ajardinado dos bairros de Santo Antonio e São José, além de seguir sendo o local sede do Governo do Estado.

Em outras palavras, *"o velho Palácio de Friburgo, em sua conceituação histórica, resistiu ao tempo e 'as vicissitudes administrativas, conseguindo conservar a sede do governo estadual de Pernambuco no local em que exatamente Nassau sonhou a sua permanência, e que com os sucessivos aterros acabou por se deslocar da beira do rio, para um ponto bem mais longe das suas margens, mas em sua preliminar posição, embora agora com a sua frente virada não mais para o oriente, e sim para o centro da velha cidade"*. (GUERRA, 1966, 54)



Figura 57A

Mapa do Recife, de 1918, com possível sobreposição do mapa de C. B. Golijath de 1648. Fonte: MENEZES, 2001, 132.



Figura 57B

Zoom na área da atual Praça da República, observando o eixo Palácio de Friburgo – Palácio do Governo atual. Fonte: MENEZES, 2001, 132.



- A ousadia e o sonho desse conde<sup>26</sup> e sua equipe de plantar e replantar espécies já em sua fase adulta, além de outras espécies totalmente desconhecidas aos jardineiros e botânicos, foi uma experiência fabulosa – poder acompanhar de perto o crescimento, a adaptação ao solo, ao clima, a liberdade de servir como passeio público e visitas e beberetes, e servir ainda de inspiração e comprovação técnica para vários estudos botânicos e medicinais, foi um ganho científico enorme;
- E para finalizar, mesmo que sem chegar aos dias de hoje de pé, através desses tratados, estudos e documentação continua sendo uma fonte inesgotável para estudos vários, inclusive paisagísticos.

“ Segundo Taunay, somente com as peças de história natural do seu palácio, o Conde de Nassau, de volta à Europa, supriu o museu da Universidade de Leiden; tamanha a abundância deste material, que ao cabo de cem anos ainda não fora possível classificá-lo todo”. (GUERRA, 1966, 22-23)

## 5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARIDON, Michel, *Los jardines: paisajistas, jardineros, poetas – Islam, Edad Media, Renacimiento, Barroco*, Madrid, Abada Editores, 2005, v. 2, p. 325-483 (Renacimiento), ISBN 84-96258-49-1.

BARLÉU, Gaspar, *Historia dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1974. CDD 981-03121.

BARROS, Sandra Augusta Leão, *Os Jardins de Friburgo em Recife/PE, Brasil, seu traçado e significado: as experimentações de uma corte europeia nos trópicos no século XVII*, Monografia de conclusão do curso de Especialização em Reabilitação de Jardins e Parques Históricos: paisagens culturais. Universidade Politécnica de Madrid, Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid, 2009 (mimeo).

CARLS, F. Henry, *Album de Pernambuco e seus arrabaldes, 1878*, Recife, Secretaria da Casa Civil, Governo do Estado de Pernambuco, 2007 (reedição).

CRISP, Frank, *Mediaval Gardens*, New York, Hacker Art Books, 1979, v. 1. ISBN 0-87817-007-3.

DANTAS, Leonardo. *Holandeses em Pernambuco: 1630-1654*. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2005. ISBN 85-89386-03-1.

FUNDAÇÃO de Desenvolvimento Municipal, *Plantas Topográficas Cadastrais (Unibases) n<sup>os</sup>. 90/38:05; 90/38:00; 98/28:00; 90/28:05*, Recife, FIDEM, 1989, escala 1:1000.

GUERRA, Flávio, *De Friburgo ao Campo das Princesas: nota histórica dos Palácios de Governo em Pernambuco*, Recife, Casa Civil do Governo do Estado, 1966.

HERKENHOFF, Paulo (org.), *O Brasil e os Holandeses: 1630-1654*, Rio de Janeiro, Sextante, 1999, p. 86-102. ISBN 85-86796-26-3.

HOBHOUSE, Penelope, *Plants in Garden History: an illustrated History of plants and their influence on Garden Styles – from Ancient Egypt to the present day*, London, Pavillion Books, 1992, p. 96-164 (Cap. 4: Botanists, plantsmen and gardeners of

---

<sup>26</sup> “ Não penseis que o castelo do governo consiste de fortalezas, muralhas e trincheiras: ele se encontra no interior das consciências. (...) A grandeza dos estados não pode ser medida pelas extensões territoriais e latifúndios, mas pela lealdade, benevolência e respeito dos habitantes”. Discurso de despedida do Brasil, de João Maurício de Nassau em 1644. In: SILVA, 2005, 109.

Renaissance Europe; cap. 5: The Gardens of the Italian Renaissance), ISBN 1-85793-273-0.

LUENGO AÑÓN, Ana. *Aranjuez: utopia y realidad – la construcción de un paisaje*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Estudios Madrileños, Ediciones Doce Calles, 2008. ISBN 978-84-00-08708-1. Tese de Doutorado, Universidade de Evora, Portugal. Premiada pelo Ministerio de Ciencia y Innovación, Gobierno de España.

LUENGO, Ana, MILARES, Coro, *Parametros del jardín español: naturaleza, paisaje, territorio*, Madrid, Ministerio de Cultura, Castellana Abertis, 2007, ISBN 978-84-8181-364-7, Tomo II: descubrir el universo, reinventar el paradiso (parámetros del jardín renacentista).

MELLO, José Antonio Gonsalves de, *Tempo dos Flamengos: influencia da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2001. ISBN 85-7475-035-2.

MENEZES, José Luiz Mota, "A Cidade do Recife: urbanismo lusitano e holandês", en: TEIXEIRA, Manuel C. (org.), *A praça da Cidade Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, pp. 121-138, ISBN 972-24-1120-9.

Novissimo Dicionario Latino-Portuguez: etymologico, prosódico, histórico, geographico, mythologico, biographico, etc. (redigido segundo o plano de L. Quicherat), Rio de Janeiro, B. L. Garnier.

RECIFE, Prefeitura da Cidade do, *Recife: histórias de uma cidade*, Recife, BCP Telecomunicações/Jornal do Commercio, 2000 (10 fascículos).

SANTARCANGELI, Paolo, *El libro de los laberintos: historia de un mito y de un símbolo*, Madrid, Ediciones Siruela, 2002, p. 274-293.

SILVA, Leonardo Dantas, *Holandeses em Pernambuco: 1630-1654*, Recife, Instituto Ricardo Brennand, 2005, p. 107-113, 197-205. ISBN 85-89386-03-1.

SILVA, Maria Angelica da & ALCIDES, Melissa Mota, "Collecting and framing the wilderness: the garden of Johan Maurits (1604-79) in North-east Brazil", en: *Garden History*, London, The Garden History Society, v. 30, n. 2, winter 2002, p. 153-176.

VEIGA, Renato Ferraz de Arruda. TOMBOLATO, Antonio Caetano Fernando, MURATA, Ives Massanori, COLAFERRI, Bruno. "Jardins: origem, evolução, características e sua interação com jardins botânicos", en: *O Agrônomo*, Campinas, 54(2), 2002, p. 29-32.

#### INTERNET/HOMEPAGES CONSULTADAS:

- Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (FUNDAJ), Recife, PE, Brasil (<http://www.fundaj.gov.br/notitia>)  
Textos: Praça da Republica  
Palacio de Friburgo  
Mauricio de Nassau
- Jornal do Commercio, Recife, PE, Brasil (<http://jc.uol.com.br>)  
Texto: Jardim do período holândes vai ser recriado no Recife, 13 de fevereiro de 2006.
- Laboratorio da Paisagem, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil (<http://www.ufpe.br/paisagem/burlemaxrecife.php>)

Texto: Jardins de Burle Marx no Recife

- Centro de Estudos Urbanos, Lisboa, Portugal ([http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo\\_12.htm](http://revistas.ceurban.com/numero4/artigos/artigo_12.htm))  
Texto: O urbanismo holandês no Recife: permanências no urbanismo brasileiro – José Luiz da Mota Menezes
- Site: [http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/125historia\\_holandeses\\_novamauricia.htm](http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/paginas/historia/125historia_holandeses_novamauricia.htm) - Texto: Uma nova forma de desenho urbano: a nova Maurícia
- Site: [http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/117historia/117\\_001\\_arcosdorecife.htm](http://www.memorialpernambuco.com.br/memorial/117historia/117_001_arcosdorecife.htm) - Texto: Arcos do Recife: estudo resgata Arco da Concepción
- Site: <http://www.klepsidra.net/klepsidra3/holandeses.html> - Texto: A criação do mito do Brasil Holandês – Gabriel Passetti
- Site: <http://www.historianet.com.br/conteudo> - Texto: Um governo holandês no Brasil Colonia
- Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> - Texto: Muralhas de Maurits Stadt
- Site: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia> - Texto: Recife – 470 anos
- Site: [http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/120861\\_9587\\_ARQUIVO\\_HeitorMoura-DemografiadaCidadeMauricia3.pdf](http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/120861_9587_ARQUIVO_HeitorMoura-DemografiadaCidadeMauricia3.pdf) - Texto: Demografia da Cidade Maurícia, segundo Frans Post – Heitor Pinto de Moura Filho (XIII Encontro de História Anpuh Rio)
- Site: <http://www.longoalcance.com.br> - Texto: O Príncipe Nassau: romance histórico

#### IMAGENS:

- Arquivo Histórico da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (FUNDAJ), Recife, PE, Brasil – <http://www.fundaj.gov.br>
- Arquivo Digital online da Prefeitura Municipal da Cidade do Recife, PE, Brasil - <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/fotosdorecife>
  - Arquivo Digital online da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil - <http://www.bn.org.br>
- Fotos da própria autora 'in loco', 2008, Recife, PE, Brasil